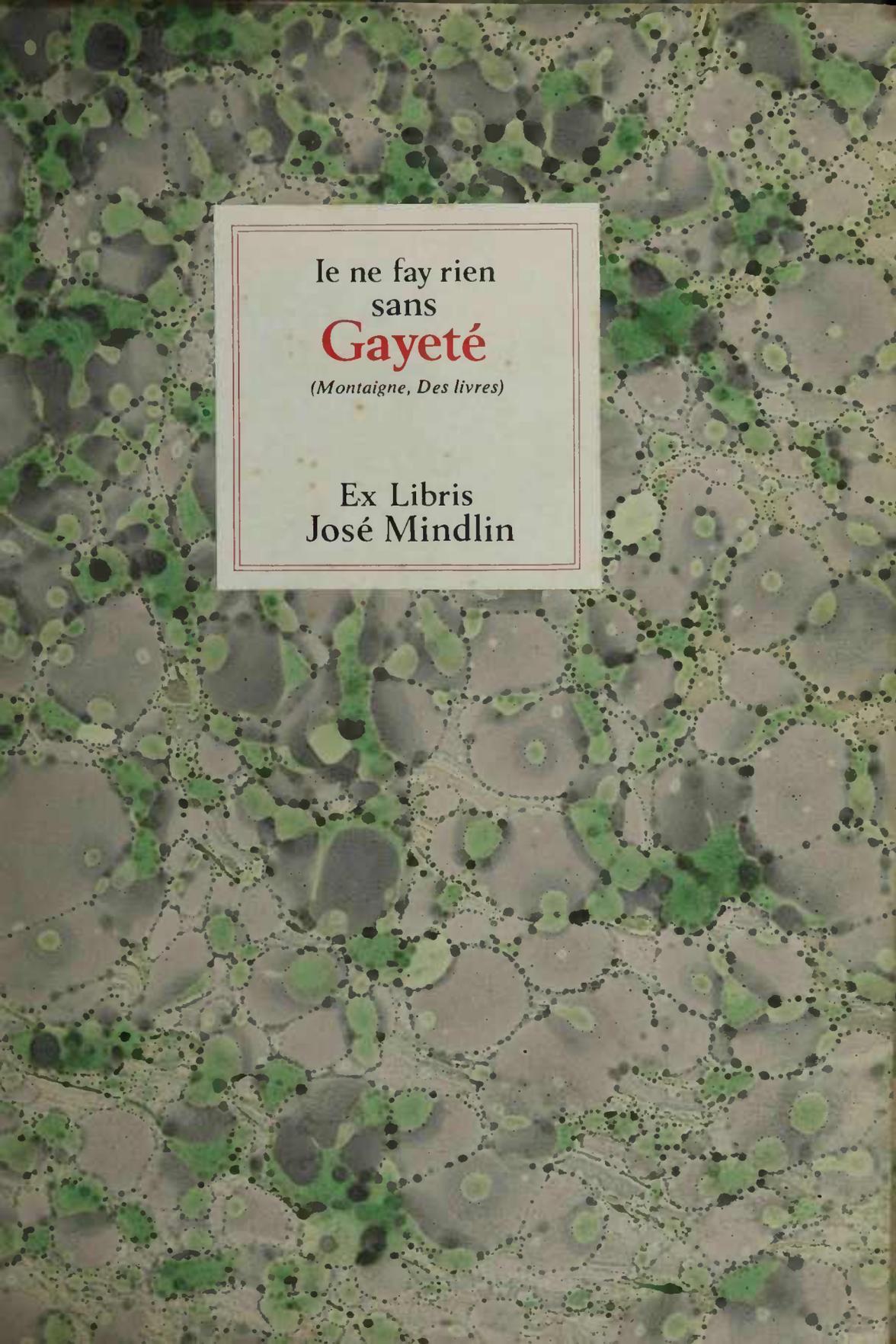


EX LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES



Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



LITTERATURA DO NORTE

UM CASAMENTO NO ARRABALDE

POR

Franklin Tavora



Quarto livro * Segunda edição



Um Casamento no Arrabalde

LITTERATURA DO NORTE

QUARTO LIVRO

1918

Um Casamento no Arrabalde

HISTORIA DO TEMPO EM ESTYLO DE CASA

FOR

FRANKLIN TAVORA

1918

Segunda edição de quinhentos exemplares

Rio de Janeiro

TYPOGRAPHIA NACIONAL

1881

AO LEITOR

O presente romanceto, brinco da minha penna quando ella ainda queria borboletear, mereceu de Aprigio Guimarães menção honrosa na sua *Opinião Nacional* a que fez companhia a imprensa diaria do Recife ; e ao nome do finado jornalista veio juntar-se em 1878, no primeiro dos documentos ineditos que compoem o *Appendice* a este livro, o nome de um escriptor bem reputado, o sr. Rangel de S. Paio, cujas amabilidades deixam em grande divida o autor do *Casamento no arrabalde!* producção que tenho por bem fadada, porque a ninguem desagradou que eu saiba, nem mesmo aos que nella entram, ainda que com outros nomes para não ficarem de todo conhecidos.

Posso portanto concluir que este livro está duplamente julgado — julgado por um homem do norte que esteve na côrte, e julgado por um homem da côrte que esteve no norte — duas autoridades dignas de respeito. O primeiro, como jornalista, deu que fazer, por mais de trinta annos, aos prelos do paiz, ora na polemica litteraria, ora na scientifica, ora na politica, foi lente de um curso superior, e teve o baptismo cortezão, visto que fez cá os seus primeiros estudos, e posteriormente cá voltou como depútao geral; o segundo ó autor de dramas, é critico, poeta, escriptor estudioso, de reputação bem estabelecida, que não pode ser dado por incompetente, porque recebeu os *santos oleos* (litterarios) na basilica da côrte onde officiam os sacerdotes summos, guardas da doutrina por excellencia.

Por estas razões, póde dizer-se que o livro está com todos os sacramentos.

Todavia, não é por dar prova de perfeita conformidade com os cathecismos, ou por ambição de gloria que metto nos prelos pela segunda vez esta minha producção.

Sou um herege chronico e pelo que toca a nomeada litteraria, é muito secundaria a importancia que lhe dou, porque considero essa nomeada uma especie de balão que sobe si tem para a soprar uma roda de sujeitos de bons bofes, ou desce si lhe atiram um seixo da rua ou um arco de barril que acerte de fazer-lhe um rombo.

Dou á estampa o romance por uma razão muito simples — porque tenciono tornar conhecidas da côrte, em segunda

edição, as minhas produções a que ella não se deu ao trabalho de volver um olhar quando appareceram em primeira, naturalmente porque este phenomeno barbaresco se realizou em uma provincia.

O autor do *Casamento* tem a especial obrigação de expor a sua bagagem aos olhos da nossa policia — litteraria — municipal, visto que ha cinco para seis annos anda falando em um novo genero cujo nome — *litteratura do norte* — não pôde soar bem em um mercado onde tanto abundam productos francezes e lusos que varios tomam por modelo para sua industria, com prejuizo da industria nacional que não pôde assim desenvolver-se e prosperar.

Neste ponto — o de opposição ao novo genero litterario — o meu amigo sr. Rangel está com os seus.

Com a modestia que o distingue pergunta-me si eu deixo que elle chame *pseuda* a essa litteratura.

Pois não! O termo é muito do meu agrado e muito do meu uso, tanto assim que já eu o applicava a litteratos da côrte, quando ainda residia entre os selvagens e era um delles — na provincia.

Não é retaliação, mas a verdade chronologica.

Na obra que destino á explanação do thema repellido, por immoral, revolucionario, inepto ou de mera propaganda pessoal, hei de fazer ainda applicação daquelle termo que a respeito de certos poetas, romancistas, criticos e escriptores de cá, ainda diz pouco.

A obra a que alludo, intitula-se — *O Norte*, e será dividida em tres partes ou tomos: I — *Litteratura*; II — *Historia*; III — *Politica*.

Será uma obra de generalização, de exame, e, si o quizerem, de polemica.

Vai entrar já em composição typographica para que responda sem tardança ás perguntas de alguns impacientes a quem a minha *Litteratura do norte* parece ir tirando o somno.

Isto summamente me agrada; mas sempre direi que não ha razão para incomodos nervosos ou hystericos.

O livro não ha de ser um beijo, mas tambem não será uma explosão.

A dynamite está longe da minha indole, comquanto esteja no character das côrtes.

Isto mesmo melhor se provará no referido livro, não neste que é innocente, que é filho de paixões inoffensivas e idcaes, que é livro para ser lido por mulheres, não meditado por homens, livro meigo, não livro severo como talvez parça o outro.

Leia-o, leia-o o leitor, que ha de dar-me razão.

Laranciras, outubro de 1881.

LITTERATURA DO NORTE

QUARTO LIVRO

UM CASAMENTO NO ARRABALDE

HISTORIA DO TEMPO EM ESTYLO DE CASA

Vou contar uma historia para quem não tiver que fazer.

A falar a verdade, foi uma historia acontecida, e não inventada, falta-lhe por isso certo tom de imaginativa, que prenda pelos entrecchos. Aqui mesmo não ha entreccho algum, só sim que é tudo verdadeiro, isto affirmo eu, palavra de honra, ao piedoso leitor que ainda tiver curiosidade de saber coisas de casamento.

E comtudo haveria seu inconveniente em declarar os nomes dos personagens. Deve ter-se muito respeito ás susceptibilidades. Nada. Não estou para graças. O caso é um pouco grave, e não me quero expor. Já faço muito em contar os factos como elles se deram. Isto de certo não é pouco.

Que os ditos personagens são nacionaes, e nossos contemporaneos, e mais alguma coisa, isto são elles. Mas em logar dos nomes de baptismo, demos-lhes outros, chrismemol-os. Hão de acudir pelos novqs nomes, porque são bem educados, e conhecem a conveniencia destas mudanças — mudanças sómente na fórma, porque, no tocante ao fundo, este é o mesmo. O fundo subsiste sempre.

Ao primeiro personagem de que devo tratar, chamarei d. Maria. E' viuva de um bravo capitão do exercito, tão bravo que se lhe poderia dar a denominação de heróe; foi um typo importante da rebellião praieira de 1848. Com d. Maria. vivem sua filha solteira d. Bellinha, belleza nubil de angelical simpleza, e mais quatro netinhas, crianças encantadoras, orphãs de sua filha mais velha, fallecida prematuramente.

Em casa de d. Maria está hospedada sua cunhada, d. Emilia, com a filha solteira d. Lucilla.

O ponto onde estão é um arrabalde pacifico, silencioso, solitario e ainda pouco povoado, não obstante ficar junto do Recife. Para chegar ahi quem vai da cidade, tem de caminhar alguns minutos na direcção do occidente, assim como quem vai para o sertão; mas o sertão fica muito longe, muito longe ainda, muitas leguas além. Vencida uma rua no sentido longitudinal, volta-se a esquina á direita, e dá-se na estrada, por onde a natureza palpita, pullúla e viça, diffundindo feitiços, esboçando paineis, sorrindo-se e esgarçando-se como visão phantastica de lendas orientaes.

A visita á estrada deve fazer-se de dia, de verão, quando ha bom tempo. Eis então o que ha de ver o visitante. A luz inunda as pittorescas paisagens que formam o conjuncto da grande tela da estrada. Mangueiras, cajueiros, cercas de limoeiros iguaes que protegem verdes laranjaes matizados de brancas flores, madresilvas pendentes, mangericões em moitas, cinamomos isolados, risos-do-prado embastidos por cima dos portões dos sitios, alguns destes novos,

alguns velhos, alguns antigos de muros e paredes caindo — espalham nessa abençoada zona tão branda e fragrante temperatura, formam ahí tão bello aspecto de natureza intermedia entre o campo e a floresta, que aquelle visitante ha de se comprazer em contemplar o panorama.

Tudo isto é de dia. Ora, ao anoitecer, a coisa já é outra. Os crepusculos não são absolutamente tristes : são saudosos. Sente-se bem-estar em vel-os subir da estrada aos ares : Victor Hugo diz que ha um erro em dizer que a noite desce ; a noite sobe, vai debaixo para cima, diz elle. Que feliz disposição de espirito quando se passeia, ao crepusculo da tarde, por essas veredas, por esses atalhos, por esses ternos retiros!

Lá nos fins da estrada apparece, a um lado, a modesta ermida, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição.

A estrada semelha um rio deslizando-se preguiçoso por entre margens sombrias, em que se levanta, a espaços, uma casa erma, perdida na espessura das opulentas folhagens. A grama, que borda os lados, e vai entrando, por junto dos pés das arvores, até bem dentro dos sitios, é o mais

aveludado tapete, o mais macio e brando leito para a gente pousar, ou deitar-se quando se sentir cansado da tirada.

Perto da casa de d. Maria, vê-se uma casinha de tres janellas fronteiras, e portão de madeira ao lado, com um pedaço de terreno aos fundos, cõrtado obliquamente em fórma de latina. Reza uma tradição ter estado ahi recolhido o desembargador Nunes Machado, algumas horas antes de cair morto de bala, a 2 de fevereiro de 1849, por occasião do assalto dos *praieiros* á capital.

Actualmente (1869) quem mora na casa tradicional é um bacharel em direito, por nome Tulio, unica providencia da mãe e dos irmãos nesta terra, em que as providencias, em geral, tudo esperam da divina providencia. O bacharel, em conversa, diz que ainda lhe parece respirar ahi os restos do patriotismo pernambucano que succumbiu quasi todo nesse dia infausto. Creio que elle tem razão. Lacedemonia já não é Lacedemonia. Aos que não tiverem perdido inteiramente o sentir de Esparta, aos contemporaneos que pensarem ainda em melhorar as paixões e os costumes publicos, a esses o que resta é pedir

ao passado memoria gloriosa, e nella se inspirarem, e com ella se cobrirem da baixeza do presente.

Aqui o homem de lettras definha á mingua de meios de vida. Litteratos, philosophos, poetas, escriptores, são inuteis bipedes, animaes desprezados, porque muito pequeno é o seu prestimo. Por isso Tulio, que tem pretensões a litterato, e se mette, não raro, a poeta bucolico inventando Menalcas e Dametas que poucos apreciam, foi refugiar-se nesse recesso onde, como Cincinnato, faz o trabalho de enxada do sitio com as suas proprias mãos academicas. Entre parenthesis : para prevenir criticas esmagadoras, criticas tafues de Aristarchos improvisados, fique bem assentado que Cincinnato, em logar de enxada, usava charrua.

Parece que o contacto com a memoria, ou, ao menos, com a tradição, não inteiramente esquecida, sobre o martyr do triste drama de 2 de fevereiro de 1849, compelle o nosso litterato a meditar algumas vezes sobre o futuro da patria. Coisas de poeta, loucuras de estro desvairado. Si elle fosse politico genuino, politico estreme, pensaria antes no seu proprio futuro delle, porque, isto de proximo é palavreado ;

não ha ninguem mais proximo de um homem do que elle mesmo. Eu antes do proximo, ou, eu primeiro, depois o proximo, ou o proximo depois de mim, isto comprehende-se bem; o que não fôr isto, neste assumpto, é utopia. Tudo o mais é historia. Patria é entidade abstracta. Ao menos, é assim que pensam os homens da côrte, segundo o que por cá se diz. Ora, ninguem mais competente do que elles para dar opinião, porque lá é que está a cabeça da chamada patria, lá é que está o coração, lá é que está a barriga da pretendida patria; cá está a canella, ou talvez o tornozelo, senão o calcanhar da tal bicha.

Depois da meditação, vem o aperto do coração; eu estou tratando ainda do Tulio, o bacharel simplorio e sonhador. Tem elle umas idéas exquisitas, idéas suas, digo mal, idéas de muita gente já neste mundo de terra, onde existe um imperio encanecido entre republicas jovens.

Estas idéas são effeito de uns aromas de liberdade que nos chegam de longe, trazidos por paquetes que vem de além do Panamá. Em termos claros: diz Tulio que tudo isto só ha de tomar caminho quando triumphar absolutamente a democracia pura

da aristocracia gasta — causa dos males que nos affligem. Ora, deixemos de politicar.

Conversando-se com o poeta, percebe-se a audacia do talento, da mocidade e do patriotismo.

E que coração é o seu! A igualdade e a fraternidade em todo o genero humano — eis o seu constante sonho. Ver os pobres subir, e os ricos descer, para ficarem todos no mesmo nivel — eis a sua primeira aspiração. Utopias, utopias! — dirão os cortezãos de Cesar. Lá se avenham elles com Tulio.

E' entusiasta do espirito, como da virtude, e não menos do trabalho. Ama a liberdade com os estre-mecimentos dos corações juvenis. E' assim que se ama nos primeiros annos uma pulchra mulher, perfeição nas fórmãs, virtude na alma, liberalidade no sentimento, lhaneza no character, nobreza no animo.

Em traços rapidos mas exactos está aqui o bacharel Tulio. Elle é isto, nem mais nem menos.





Uma manhã d. Emilia entrou em casa do bacharel.

D. Emilia foi educada em Paris. E' mulher de espirito superior, e muito aprendida. Toca muito bem, canta ainda melhor. Fala correctamente o francez; sabe historia; conhece um pouco a geographia; dá a sua opinião, nem sempre puramente theorica, sobre politica; entende de desenho; até mette a colher no *Syllabus*. Por aqui se vê que ella não se confessa. E' quasi athea.

Sente verdadeiro prazer em mitigar a fome, a nudez, a dôr dos pobres. Soube uma vez que um

cego de portas não tinha vinte mil réis, em quanto importava a folha corrida que lhe exigia o director da instrucção publica afim de admittir-lhe a filha a exame de habilitação para o magisterio. Tanto bastou para que, estando pouco depois em uma reunião familiar com pessoas de sua amizade, e tendo cantado e tocado de modo que de todos mereceu applausos, se levantasse pedindo a cada um dos circumstantes um óbolo para a moça. E tirou a quantia, que entregou integralmente ao velho.

Outra vez achava-se na sala de um dos nossos aristocratas, um dos nossos homens de sangue azul e apregoada nobreza. Não sei por que singular anomalia se achava tambem ahi um mulato, que começava a distinguir-se por um soberbo talento para a pintura. Senão quando vem segredar-lhe Lucilla ao ouvido que as outras moças conspiravam contra o mulato no sentido de se negarem a dançar com elle.

Com effeito, tinham ellas resolvido caladinhas esta conspiração. Mas, formado o quadro, d. Emilia levanta-se animada de sublime altivez, levando a filha pela mão. Todas as vistas cravaram-se nella que, aproximando-se do pariá, disse :

— Sr. Lucio, venho pedir-lhe o favor de dançar com minha filha.

— Com muita satisfação, minha senhora; mas creio que... não acharemos *vis-à-vis*.

— Serei seu *vis-à-vis*. Meu par é o barão de....

E então? Que tal a moça, a parisiense, como alguns lhe chamavam ao principio?

Ora, tudo isto é muito elevado, e sobretudo muito bonito; mas não é ainda para nós, não está nos nossos costumes, e muito menos nos nossos preconceitos, principalmente em Pernambuco, segundo penso, porque das outras provincias e da côrte nada posso ainda dizer. Em Pernambuco isto não se faz impunemente, em Pernambuco — torrão classico de tesos fidalgotes, cada qual mais inquinado de prejuizos, de erros, de defeitos, cada qual tão nobre como o pae Adão (deixem-me falar neste sujeito, que vai caindo em esquecimento) que nunca teve braços de fidalguia, porque nasceu do pó, como as toupeiras. Isto é, assim dizem as escripturas, não que eu acredite.

Por estas e outras, d. Emilia não cessa de estar na bocca dos maldizentes. Têm dito della cobras

e lagartos, muitas coisas feias cá na provincia; algumas nem merecem a pena de referir aqui. Estranham que ella vá á rua desacompanhada, ou sómente tendo a filha por companhia; mas ella não faz caso dos reparos maliciosos, nem deixa de sair quando lhe parece. Censuram que, levada do enthusiasmo, bata palmas ao actor, e dê bravos á cantora insigne; mas ella não deixa de manifestar a sua admiração por meio destes applausos que julgam incompativeis com as condições de mulher honesta. Para dizer tudo de uma vez, condemnam sem piedade a confiança da liberdade que não refrea os impetos, condemnam os sentimentos de igualdade e fraternidade que nessa mulher sublime estão ligados ao seu temperamento, que são forças physiologicas. Perdem porém o tempo e o latim os que assim exercem a sua mordacidade, porque d. Emilia tem força de vontade, é tenaz, e sabe defender-se quando a atacam. Na realidade, quem póde com um espirito esclarecido, e uma vontade forte?

Além da bondade, outros dotes distinguem d. Emilia. O esplendor, a harmonia, a correcção das suas fórmãs dão logo na vista.

Este conjuncto de qualidades que não se encontra sempre numa só pessoa, devia ter-lhe afiançado a felicidade. Pois não foi assim.

Voltando ao Brazil casou-se, por accôrdo de familia, com um sujeito desproporcionado á sua altura moral: em d. Emilia prepondera a lei dos espiritos—a elevação, em Magalhães prepondera a lei dos corpos — a descensão.

Magalhães, portuguez de pouca educação, botou fóra tudo o que a mulher lhe levou em dote — alguns contos de réis, que bastariam, nas mãos de outro portuguez que pertencesse á regra geral, a assegurar-lhe futuro, si não brilhante, ao menos tranquillo. Não contente com esbanjar-lhe o pouco que o trabalho e a economia de pais honestos tinham ajuntado e deixado, com a melhor educação, á filha dilecta, dava-lhe má vida, de que não estavam longe as humiliações e até as vias de facto.

Um dia o anjo irritou-se: fique bem discriminado que os anjos tambem se irritam; isto não acontece sempre, mas acontece algumas vezes — quando a escala do martyrio está esgotada. D. Emilia gosta do que é bello, elevado, grandioso, neste mundo, e parece

ter proxima affinidade com as grandezas presumiveis do outro, ou dos outros mundos — os mundos ideaes, espirituaes, moraes, metaphysicos, mysticos, e outros ainda, que as philosophias vão creando hoje, destruindo amanhã, reconstruindo depois. A alma de d. Emilia tinha expansões vastissimas que não podiam accommodar-se no circulo traçado pela ponta dos instrumentos de supplicio de Magalhães. Em pleno dia, a moça saíu de casa conduzindo pela mão a pequena Lucilla com cinco annos de idade; e um mez depois estava em Pernambuco vivendo do seu trabalho, perfeitamente feliz porque recobrou a liberdade. Todos os flagellos têm seu termo, quer na familia, quer no Estado; a mulher que soffre, como o povo que soffre, libertam-se ambos um dia do jugo dos tyrannos : só ha uma differença — a mulher, para escapar dos máos tratos do marido cruel, deixa-lhe a casa furtivamente; a nação, esta põe abaixo, ou atira para um lado em publica praça, como se fez ultimamente em Hespanha, o imperante perfido, e fica senhora das suas acções, dominando no mesmo solo como soberana absoluta. Oito annos depois, Luiz Corrêa, pae de Pedro de quem adiante trataremos,

convidava-a para morar no seu engenho, afim de ensinar a uma filha o francez, o canto e o piano, industria de que a pobre senhora tirava a subsistencia desde a separação *quoad thorum et mensam*. Provieram dahi as relações amorosas entre Pedro Corrêa e Lucilla Magalhães, fervorosamente cultivadas e alimentadas durante os cinco ultimos annos.

Lucilla dir-se-ia que nasceu de um sopro, e com um sopro pôde desfallecer. E' o typo da mulher franzina em cuja mão se tem pena de pegar, cuja cintura se tem receio de enlaçar com o braço para dançar, porque se suppõe que vai quebrar-se o fragil vime. Organização quasi vaporosa, impalpavel, etherea, afigura-se a projecção ou o projecto de uma nuvem sobre a terra. Esta extrema delicadeza de fórmas harmoniza-se com os tenues tons da voz debil, e os infantis movimentos.

Mas em compensação, que talento não tem Lucilla! Toca admiravelmente o piano, fala e escreve bem o francez, assim como escreve o portuguez; e pesca algum tanto do italiano. Grande parte destes dotes perdeu-a por méro capricho, muito natural na sua idade e indole.

Quanto ao amor que ella consagra a Pedro, nisto não se fala. Pedro é o seu ai-jesus!, é os seus melindres; Pedro é tudo para ella. Sem Pedro, não se comprehende Lucilla; sem Pedro, Lucilla não seria Lucilla; seria, talvez, Gabriella ou Maricota, uma Gabriella reforçada, uma Maricota travessa; faltarlhe-iam a idealidade e a sentimentalidade do ser delgado, flexivel, transparente, quasi crystallino si não fossem as veias azues, as côres roseas que se desenhão nas suas faces e mãos de admiravel primor artistico, quero dizer, primor natural.

A estimação que os dois mutuamente se consagram, tem simplicidades deliciosas; o seu amor delles chega a parecer tolo. Ora, apreciem lá este pratinho:

— Lucilla, você passou bem a noite?

— Dormi até de manhã.

— Vai almoçar agora?

— Vou. São nove horas. E você já almoçou?

— Já.

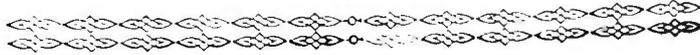
— Que estava fazendo aqui quando eu cheguei?

— Estava esperando por um pouco de fumo que mandei buscar lá em cima para o meu cachimbo.

Ficam alguns instantes em silencio, olhando um para o outro, elle enfiado, ella algum tanto córada, de pudor, de amor, de acanhamento sem motivo nenhum, porque o rapaz nem sequer lhe pega de uma das mãos, e muito menos a conchega ao peito, e muito menos ainda lhe dá o mais subtil beijo.

Não parecem dois tolinhos?





D. Emilia foi entrando em casa de Tulio, e foi dizendo, quando ainda tinha na mão a do bacharel:

— Sabe, doutor, que vim do engenho expressamente para tratar do casamento de Lucilla?

— Fico sabendo agora. Aceite os meus parabens.

— Quem déra que eu os podesse aceitar!

— E porque não?

— Pois não sabe que o pae de Pedro se oppõe ao casamento do filho com Lucilla?

— Porque motivo? Mas Pedro não é maior?

— Tem vinte e dois annos.

— Bastam vinte e um.

— Mas esta não é a questão. Que tem que elle seja maior de vinte e um annos, si o pae, que é autoridade policial, pôde, querendo, e ha de querer, fazer-me todo o mal que puder? Além disso, não tem elle amigos politicos, não tem tal ou qual posição?

— D. Emilia — tornou o bacharel — não obstante o que tem feito essa gente (referia-se aos politicos que estavam de cima), não quero acreditar que levem a ostentação da violencia ao ponto de passarem por cima de uma certidão de baptismo, quando não se trata de eleição ou de emprego publico. Tratando-se de eleição elles não escrupulizam passar por cima até de uma certidão de obito.

— A questão não é de certidão, sr. dr. Tulio. O que eu temo é que o pae de Pedro, empregando a força de que dispõe como subdelegado, empeça o casamento, si chegar a sonhar que se trata de o realizar.

— Mas neste caso o que lhe parece que se deve fazer?

— Realizar o casamento quanto antes.

— Agora comprehendo. Quer dizer que se deve fazer o casamento ás escondidas. Não é isto?

— Exactamente.

— E os proclamas?

— Nada de proclamas.

— E a licença do juiz de orphãos sem a qual não ha padre que queira casar a menor?

— O que eu lhe digo é que tudo quanto fôr demorar o acto, offerece meios ao Corrêa de o frustrar. Não é medo que eu tenho dos poderosos; é a consciencia do mal que me podem fazer.

— Acho-lhe razão.

— Mas, voltando aos proclamas, esta é a maior difficuldade que se me apresenta, porque o bispo não tem permittido dispensa de proclamas a ninguem.

— Isto é verdade; mas não quer dizer que elle os não dispense absolutamente.

— Formo idéa muito desfavoravel desses bispos que vem agora de Roma. Olhe: eu sou uma mulher bem singular. Emfim, não lhe posso dizer tudo o que penso do novo bispo.

Mezes depois destas palavras, o dito bispo prohibiu que o cadaver do general Abreu e Lima, illustre pelas suas lettras e posição, tivesse sepultura sagrada.

O bacharel fez-lhe esta observação :

— Devo dizer-lhe que o bispo, por doente, não trata disso agora. Quem está incumbido de despachar é o provedor do bispado, com o qual me dou.

D. Emilia pareceu ganhar novos alentos. A boa nova que lhe dera o bacharel, encheu-a de satisfação que lhe transpareceu no semblante.

— Si o senhor conseguir a dispensa, si a menina puder casar-se, eu, vendida, não lhe poderei pagar tamanho favor. Olhe uma coisa : o casamento de minha filha é a minha felicidade. Vendo-a eu amparada, posso morrer, morrerei satisfeita; estará preenchida a minha missão na terra.

Foi presentimento talvez. Hoje, 5 de agosto de 1869, dia em que passo a limpo esta historia para a mandar imprimir, d. Emilia já não pertence ao numero dos vivos.

— Ora, não diga isto. Depois de a ver amparada, é que a senhora deve desejar longos dias de vida para apreciar a felicidade della.

D. Emilia teve um assomo de ternura.

— O senhor não avalia o que é um filho. A gente dá tudo quanto tem, quanto possa vir a ter, pela

felicidade de um filho. A existencia, a vida não é nada em comparação de tão grande bem aos olhos de um pae ou de uma mãe.

Nestas palavras viu o bacharel novas instancias para que elle se empenhasse pela dispensa dos proclamas, e pelo mais que fosse preciso á realização do casamento.

— Fique tranquilla, d. Emilia. O pouco que valho está á sua disposição. Tenho ainda alguns amigos, não obstante estar de baixo; são amigos que adquiri quando eu estava de cima; fiz-lhes favores que elles devem agora retribuir-me, a não serem tão esquecidos que de nada se lembrem mais. Espero cortar as difficuldades que se apresentam. A partida vai ser jogada com quem dispõe de meios e manhas. Mas havemos de ver quem ganhará. A causa é tão justa que julgo se duplicarão as minhas forças, e a victoria será minha.

A afflicta mãe sentiu-se refrigerada com este balsamo suavissimo.

— Aceito a sua protecção, e confio nella. Permitta-me que de hoje em diante eu veja no dr. Tulio o anjo tutellar de uma pobre menina cujo

pae... não existe para ella, e cuja mãe mal pôde chegar para si.

Pouco depois, d. Emilia despediu-se com a amabilidade que entrava no numero das suas distincções naturaes.

Retirou-se commovida.





Passaram-se perto de quinze dias. No que devia completar a quinzena, o bacharel Tulio encaminhou-se, no seu passo de homem serio, á casa de d. Maria afim de falar a d. Emilia. Encontrou-a na sala solfejando uma musica que estava muito em moda.

Depois de principiada a conversação cujo assumpto — já se sabe — foi o casamento de Lucilla, disse o bacharel com ares de quem se saía com uma grande reflexão philosophica :

— Por mais que me esforce, ainda não pude alcançar a razão que determina o Corrêa a não levar em bem o casamento do filho com d. Lucilla.

— Pois é de facil alcance, sr. dr. Tulio, tornou d. Emilia. A razão é porque o Corrêa tem um engenho, emquanto eu tenho apenas a industria de que vivo. Ainda outra: o filho do Corrêa pertence a uma familia de sangue azul, ao passo que Lucilla não tem ascendencia illustre.

— Mas, perdão, d. Emilia; não são razões. Entre Pedro e d. Lucilla não vejo nenhuma distancia. A dizer a verdade, si a senhora é pobre, o Corrêa tambem não é rico; si o Corrêa é fidalgo, tanto tem elle de fidalgo, quanto a senhora-de plebéa.

— Não ha fidalgos nem plebeus, sr. dr. Tulio; já houve, hoje não ha mais disso.

— De accôrdo. E' um modo de falar, alludindo ao prejuizo da nossa sociedade, e especialmente desta provincia.

D. Emilia proseguiu na sua ordem de idéas:

— Todos somos iguaes, todos — pobres, ricos, negros, brancos, caboclos, mestiços.

— Certamente. Eu não penso de outro modo.

— A questão magna das sociedades que caminham para a perfeição, é simplesmente de *direitos* e de *deveres*, condições estas que não pertencem

exclusivamente a alguns, mas exclusivamente a toda ordem moral.

— Muito bem, muito bem! exclamou o bacharel.

— Tanto é capaz de talento, riqueza, virtude, vicio, o mongolico, o caucasiano, o malaio, como o indio e o ethiope.

— Sem duvida, de pleno accôrdo — continuou, enthusiasmando-se, o Tulio.

D. Emilia não fez ponto ahi. Proseguiu :

— Que importa que este homem tenha nascido na Europa, aquelle seja natural da Asia oriental ou do Japão, aquelle outro da Laponia, da Polynesia, da Patagonia ou da Hottentosia? O homem é simplesmente o homem. Seja qual fôr a sua origem, clara ou obscura, elle tem direito absoluto á liberdade, á instrucção, ás posições e distincções. O essencial é saber si elle tem merecimento por onde chegue a estas distincções e posições. O merecimento no negro torna este superior ao branco sem merecimento.

— Logo, concluiu o Tulio, que ainda possuia uma grande dóse da rhetorica academica, Pedro não é superior a d. Lucilla.

— Nem Lucilla a Pedro, completou d. Emilia. Não ha superioridade alguma; nenhum delles é superior ao outro. Não ha superioridade, e havendo-a, porque, como vimos, Pedro é filho de um senhor de engenho, Lucilla é filha de uma mestra de piano, e antes de tudo, estamos em Pernambuco, terra da nobreza.

Nas tres ultimas palavras havia ponta de ironia.

O bacharel não quiz ainda ficar atraz:

— Fidalguia por fidalguia, a sua menina tem a fidalguia do talento, da honra e do amor. Tão menina ainda, tem qualidades que eu admiro e louvo.

— Mas não tem a principal, o dinheiro. Verdade é que Pedro tambem não o tem.

— Não é o dinheiro — a senhora bem o sabe — não é o dinheiro o que um pae prudente deve procurar na mulher que destina para esposa de seu filho.

— Bem sei, sr. dr. Tulio. Mas quantas pessoas encontrará da sua opinião? E' verdade que não deixa de ser procedente a razão de não possuirem dinheiro minha filha e o filho d'elle para que se não casem. O Corrêa teve a franqueza de declarar-me que o unico motivo da sua opposição a esse

casamento é ver que a menina nada possui, e que elle, por sua parte, nada pôde dar a Pedro. Acho-lhe razão nisto; acredite entretanto o doutor que si eu não reconhecesse que fôra absolutamente impossivel arrancar do coração de minha filha tão funesta paixão, ha muito que me havia retirado da casa do Corrêa, e seria a primeira a impedir o casamento. Cedo ao destino de minha filha. Sinto em mim bastante força para topetar-me com todos os orgulhos dos chamados fidalgos desta terra. Essa menina porém vence a minha energia. Não lhe parece uma fatalidade isto, doutor?

— Não direi uma fatalidade, mas é sempre uma falsa posição para um espirito eminente como o seu, minha senhora.

D. Emilia sorriu-se a esta *tentativa de reconhecimento* e respondeu graciosamente:

— Ah! Isto é um galanteio?

— Si galanteasse, rendia homenagem aos seus dotes. Mas no que eu disse ha justiça.

— Pois bem. Falemos agora do meu negocio.

— Está tudo prompto.

— Prompto? De veras? Tudo prompto já?

— Promptinho da Silva.

— Bravo! Parece-me impossivel! Uma coisa que se me afigurava tão difficil de realizar-se...

— Pois não empreguei esforço. O provisor do bispado dispensa os proclamas, o juiz de orphãos concedeu a licença, Pedro e Lucilla podem casar-se hoje, si a senhora quizer.

— Não tenho expressões para agradecer-lhe tão grande favor.

D. Emilia estendeu a mão pequenina e bem feita ao bacharel que, tocando nella, estremeceu de uma sensação desconhecida.

— A' vista disso, effectuar-se-á o casamento no sabbado — disse ella.

— Mas podiam elles casar hoje ou amanhã. Para que demora?

— E a confissão?

— Conheço um padre, meu amigo e vizinho, que póde confessal-os, o padre Alexandre.

— Será o padre Alexandre o confessor: mas o casamento, por outros motivos, sómente no sabbado poderá realizar-se. Entretanto, rogo-lhe que se entenda com o padre hoje sem falta.

— Vou agora mesmo falar-lhe.

— Não exijo tanta pressa.

— O que se tem de fazer, faça-se logo. Elle mora perto. Com licença. Volto já.

Pouco depois o bacharel já estava de volta, e dizia a d. Emilia:

— Está tudo combinado. Sabbado de manhã, por volta de seis horas, d. Lucilla deve achar-se na capellinha onde o padre Alexandre a ouvirá de confissão.

— E Pedro?

— Confessar-se-á de tarde, pouco antes do casamento, visto que, para evitar suspeitas, não convem chamal-o antes de sabbado. Previna-o sem demora.

— Vou já escrever-lhe.

Tulio levantou-se.

— Já vai?

— Não apparece de tarde lá por casa? Minha mãe espera a senhora e sua inseparavel companhia. Quanto a d. Lucilla. .

— Lucilla, actualmente, só vive para as suas... illusões. Não quer absolutamente saír.

— Apresente-lhe os meus respeitos.

Logo que o bacharel se apartou d. Emilia encaminhou-se á mesa para escrever ; mas nem ella escreveu uma linha desta vez, nem o doutor pôde ler nesse dia uma pagina, sem voltar atraz duas vezes, pelo menos, do seu livro de philosophia nova.

Havia evidentemente uma timida preocupação naquelles dois espiritos, pouco antes ermos e inteiramente senhores de si. Havia tambem uma delicia vaga, subtilissima no coração de cada um daquelles seres que, pela primeira vez, se prendiam no enleio do amor (?).





Chegara o suspirado sabbado.

A criada de d. Maria, a negra Rita que se adivinhava ter pernas finas pelos finos braços que tinha, amanhecera em um sarilho, em continua labutação, como se diz em linguagem de casa. Ora, até agora ainda ninguem poz em duvida a qualidade de serem boas andadeiras as pernas finas; logo, a rapariga estava no seu elemento.

Uma coisa é ver, outra é dizer. Por todas as ruas do arrabalde, por todos os pontos da estrada, ainda os mais ermos e afastados, só se encontrava perna de Rita. Rita aqui, Rita acolá, com seus usuaes torcicollos, para uma banda e para outra, serpeando como

cobra de sipó. Emfim, Rita era todo o arrabalde que nella se absorvera ; Rita a andeja, a tafula, a pal-reira Rita era a estrada inteira, sem nada lhe faltar ; era até o adro da capellinha que ella fôra espanar e varrer, e depois cobrira de folhas de canella para que a festa fosse assejada e cheirosa como eram os noivos, como deviam estar elles, e de feito se mostraram.

A casa de d. Maria espanejava-se alegre e feliz, destacando-se do grupo das outras com feições de noivado.

As moças das vizinhanças, influidas com o casamento como si se tratasse dellas, tinham mandado balainhos cheios de flores a Lucilla, que com o presente ornara os vasos de porcelana e as mesas de d. Maria, e o piano de d. Emilia. Muitas das flores dos resedás, dos alecrins offerecidos, matizavam de varias cores o chão por onde as mãos de d. Bellinha os tinham espalhado. O suave cheiro destes pittorescos habitantes dos jardins, como para pagar a hospitalidade, recendia pelas salinhas e quartos modestos, dando-lhes a distincção de mansões opulentas.

Todos os moradores do circuito sabiam do que se ia dar, quando por outros indicios não fosse, ao menos

pela incessante, pela perpetua presença de Rita a levar jarros, cadeiras, tapetes, cartões com luvas, velas de spermacete, e o mais que em casos semelhantes se usa. O movimento de Rita não podia deixar de dar na vista dos pacificos moradores acostumados ao socego de bemaventurança, commum aos arrabaldes.

E como estava aprazivel a estrada saíndo da sua paz habitual!

Nada ha que se compare com um arrabalde por occasiões festivas.

Si ainda não contasse outros attributos de superioridade sobre os centros muito populosos, contaria esta superioridade incontestavel.

A razão é porque ahi a natureza está á mão, em cima, por baixo, por todos os lados. A verdura é o melhor adorno para as scenas que devem representar-se. As veredas, ordinariamente silenciosas, que cortam a espessura, povoam-se de curiosos por algumas horas. As ruas de arvores que dão entrada para os sitios solitarios, servem de bastidores ao drama, bastidores sempre novos, pintados e coloridos de fresco, bastidores que não têm iguaes nos melhores theatros do mundo ; não ha scenographo que leve a

melhor á natureza. Si é de tarde, ouve-se aqui o assobio, a cantiga do camponio; acolá resôa o berro monotono do bezerrinho; além retumba o balido das ovelhas; de um canto e de outro o rumor das auras nas folhagens abranda os sons mais fortes e asperos, tempera os gritos estridentes da orchestra desordenada da vida animal nessas horas em que late o cão, canta o gallo, solta o trabalhador do campo as suas toadas com mais animação e desembaraço.

Não era porém de tarde, era de manhã.

D. Emilia encaminhou-se com a filha á capellinha onde o padre Alexandre devia ouvir de confissão a menina.

Não havia confissionario na capella — falta muito sensível, quando por outras razões não fosse, pela que deu o padre. Disse este que não lhe era licito confessar mulher senão havendo uma grade, uma cortina, emfim um objecto qualquer de permeio. Razão canonica, segundo affirmou. Impiedosos canones, que não se lembraram, que não previram — elles que tudo previram — que Lucilla havia de confessar-se naquella igreja pobre, rustica, sem gordo patrimonio, sem rua de casas, como as de

certas confrarias, sem escravos nem engenhos, como as de certas ordens que de ricas não têm onde botem rendimentos e estão excitando a cobiça do Estado.

Mas a razão da prohibição? O halito da mulher não é epidemico, o de certas mulheres é até hygienico e tonico; alguns padres podem dar testemunho. Mas quando fosse epidemico, e os canones, prescrevendo aquella condição, quizessem preservar o padre de qualquer miasma, a prescripção nada adiantava, porque atravez de uma grade passa o halito de qualquer mulher.

Será para evitar — com o devido respeito — o contacto? Não, de certo; porque uma cortina não impede o contacto, antes ás vezes o amacia. E depois, quantos beliscões se dão, quantas coisas se fazem com uma cortina de permeio! Sabios canones, tanto mais sabios, quanto mais incomprehensíveis, prometto-vos, para ficar de uma vez por todas respeitando a vossa infusa e insondavel sapiencia, prometto-vos pedir explicações ao sr. bispo sobre este grave ponto de theologia dogmatica, penso eu.

Seja como fôr, o certo é que não havia confissionario e era preciso improvisal-o, sem o que lá se ia

irremediavelmente tudo quanto Martha havia fiado. Martha neste caso era o bacharel Tulio, mola impulsiva ou propulsora de todo aquelle movimento.

Procurou-se uma *urupema* para pendurar-se no encosto de uma cadeira, e supprir-se a anti-casamenteira lacuna; deu-se com uma lacuna mais notavel, uma lacuna que valia por dez, por vinte : nos dez ou vinte sitios dos arredores da capella não se achou uma urupema. Foi uma coisa de espantar. O pobre Alexandre arregalou os olhos, e soltou uma pilheria :

— Será crível que nestas vinte casas já não se coma feijão de côco ?

O filho de uma velha que tem por appellido *Feijão-de-côco*, suppondo que havia allusão ferina no innocente gracejo, ficou enfiado, e tratou de retirar-se da sacristiasinha aonde fôra attraído pela chegada de d. Emilia com Lucilla.

Ao bacharel Tulio, que acompanhara mãe e filha á capella, occorreu a pyramidal idéa de collocar uma cadeira transversalmente no encosto de outra, de modo que o assento de palhinha, ficando no sentido perpendicular, fornecesse uma grade entre o confessor e a noiva. Este pensamento foi recebido com gargalhadas

geraes, primeiro, porque offerecia o inconveniente ridiculo de entalar a cabeça da gentil penitente entre as pernas da cadeira; segundo, porque voltava do outro lado para o sacerdote a parte menos nobre do movel, aquella em que exactamente a gente se senta; terceiro, porque, entre as pernas da cadeira, a posição da noiva seria muito incommoda, ainda que, no parecer de alguns sujeitos presentes, aquillo se podesse tomar por penitencia anticipada; quarto, porque o acto, que aliás pelos canones devia ser solemne, perdia toda a sua compostura e dignidade. Havia ainda muitos outros inconvenientes que eu não estou agora para incluir nesta relação.

Todavia, houve discussão. Tulio vendo-se apalhado em flagrante ridiculo, desenvolveu toda a sua rhetorica no pensamento de convencer os divergentes de que a idéa era magnifica. Argumento vai, argumento vem, a idéa ia amadurecendo. Então Lucilla falou em arrancar-se antes o assento da cadeira, providencia que melhorava as suas condições, mas não as do padre. A idéa de Lucilla foi um relampago de luz, porque veio lembrar a Tulio que elle tinha em casa uma cadeira usada a que costumava cair o

tampo. Estava resolvido o problema: o tampo da tal cadeira podia ser utilizado, sem damno de outro movel, e desta vez sem desdouro para o padre, porque ficaria para o lado delle o avesso do assento. Rita já amolava as pernas para correr ou voar á casa de Tulio quando appareceu o proprietario da capellinha com a grade de um antigo confissionario desgrudado, que elle por uma vaga reminiscencia fôra desenterrar de um montão de caliça, por traz de uma escada de mão, que estava encostada na parede da sacristia.

Oh! preciosissimo achado, mais que precioso fossil. Ajourjou-se a peça, quasi prehistorica, ao encosto da cadeira, e começou a confissão de Lucilla.

Lucilla porém, para dizer a verdade, não tinha que confessar.

Lucilla era uma pureza, o seu amor um culto candido, o seu coração um sanctuario immaculado. Os seus labios — petalas de rosa virgem, cobertas ainda da pellucia nativa, impregnadas no odor do desabrochar recente, — eram frescos como o orvalho, avelludados como a manhã.





Caía a tarde.

As gentis netinhas de d. Maria — Amelia, Laura, Theresinha e Sinhá — para dentro e para fóra, não se sentavam, não paravam, impellidas da commoção da novidade. Era o alvoroço da innocencia, a impaciencia pela felicidade da donzella que bafejavam os favonios do noivado. A meninice não é egoista; alegre-se com as alegrias alheias, e não raro chora quando vê alguém chorar.

Tambem, para dizer tudo, não eram sómente as crianças que se mostravam naquelle reboliço que contrastava com o socego costumeiro da casa de

d. Maria. Esta e sua filha, d. Emilia e Lucilla, todos de casa estavam dominados da agitação que parecia provir da temperatura, do ar ambiente. Uma dellas enfiava uma saia, outra passava apressadamente o ferro no lenço; esta pregava as ultimas tranças verdes no corpete de lã branca; a mesma noiva, com a mãosinha afilada, que tinha o tacto do bello e do bom gosto, a mesma noiva, pichosa, como se diz, para cortar, coser, apanhar com graciosa phantasia folhos de vestido e encher grades de labyrintho, punha o remate no vestido nupcial.

Que coisa bonita! Que poesia insigne!

Era ella em pessoa, ella e não outra que collocava os festões de flores artificiaes nas orlas da seda lavrada, com perfeição de encantar. Já fôra ella que cosera e enfeitára o véo, symbolo da sua candura. Como isto é sublime!

Assim é que deviam proceder todas as moças. Com suas proprias mãos deviam ellas preparar o seu véo e vestido branco como fez Lucilla. Si ainda se admitte o véo como symbolo da pureza, leve-se o symbolo a mais longe: não se admitta que elle passe por mãos estranhas, talvez impuras, que o

possam conspurcar. Dê-se todo o elasterio possível á poesia do noivado.

Mas as noivas ricas, as noivas fidalgas, as filhas dos commendadores apatacados, dos barões e viscondes que dão dinheiro a juros, dos doutores enthusiasmos e presumidos, essas noivas, conquanto muito dignas, não comprehendem a magestade modesta, a satisfação casta, que enchia a alma de Lucilla sempre que ella tocava no seu véo, no seu vestido branco. As noivas que têm fumaças de ricas e aristocraticas, incumbem as modistas de fazer tão veneraveis prendas; isto constitue elegancia e superioridade. Não é tudo: ainda bem não se contratam em casamento, e já os presumpçosos paes fazem as encommendas para Paris, d'onde ha de vir, pelo gosto das modistas de lá, o que se devia inspirar no gosto e singeleza da noiva de cá da terra, conforme a sua educação e as suas opiniões domesticas. Perdoem a minha ousadia as illustres noivas ricas e fidalgas! Mas o seu vestido e o seu véo não valem, quanto a mim, aquelle véo e aquelle vestido de Lucilla. Quando elles chegam ao vosso corpo e á vossa frente, respeitabilissimas deidades, já vem desprimorados pelos toques de mãos

de modistas, de mãos profanas como são as taes de modistas. Sacrificaes á vaidade natural ou transmitida o primeiro trabalho do vosso novo estado, inicio das vossas obrigações conjugaes, aquelle trabalho que a ninguem devieis commetter. Mas qual! Vestido e véo que não vêm dalli, que não passaram por aquellas mãos, são coisas toscas e reles, coisas do vulgo sem gosto, da plebe chata. Mas a culpa não é vossa, sim dos frivolos que vos mettem semelhantes coisas na cabeça. Passemos adiante.

A festa era o ponto unico para onde convergiam todas as actividades da familia. Rita, não se fala, era a mola, o nervo principal do movimento.

Ora, isto é o que se passava na rua. Vejamos o que ia na capellinha.

Poderiam ser quatro horas. Pedro chegou do engenho donde saíra furtivamente afim de vir confessar-se, e em seguida casar-se, para o que o padre Alexandre ficara de achar-se alli ás seis horas, isto é, uma hora antes do casamento, pois considerava bastante uma hora para passarem os peccados de Pedro, medindo-o pelos demais rapazes de agora; enganou-se, como se enganara a respeito de Lucilla.

Ora, tendo Pedro chegado ás quatro horas, esperou até ás cinco e meia na capellinha, e nada de padre. Hora e meia para um noivo naquellas condições equivale a um seculo; Pedro curtiu este seculo com resignação admiravel; mas faltando-lhe forças para entrar em novo seculo, encaminhou-se á casa do bacharel.

— Venho pedir-lhe que me diga alguma coisa a respeito do padre Alexandre. Estou velho de esperar por elle na capella.

— O padre Alexandre ficou certo de ir. Ainda lá não está?

— Nem fumaça de padre Alexandre.

— Ter-se-á occultado?

— Nem me diga isso, doutor.

— Homem, si o subdelegado sonhou que o casamento estava neste pé, é capaz de tanger os pausinhos de modo que não tenhamos casamento. Com subdelegado não se brinca. Desculpe-me. Não me lembrava que elle é seu pae.

O noivo caíu das nuvens.

— Não se aterre — acudiu o bacharel, notando que o rapaz, de assustado, estava a dois dedos de

desmaiar ou desfallecer. Volte á capella, enquanto eu corro á casa do padre, para deslindar este negocio, para saber que fim levou elle.

Pedro, em lugar de voltar, foi ter com Lucilla. O rapaz, com effeito, precisava de forças que sómente a menina sensata e crente lhe poderia fornecer em olhares meigos, sorrisos joviaes, e palavras repassadas de confiança no seu futuro de ambos, elixir que elle não encontraria nas pharmacias.

Quando Pedro entrava em casa de d. Maria o padre chegava á capella, e nada de noivo.

Passou-se outra meia hora, que voou como um relampago para os nubentes em deleitoso colloquio, respirando um do outro aromas e satisfações incomparaveis.

Ha quem diga que Pedro chegou a pregar um festão no vestido daquella que em pouco tempo devia ser sua esposa.

Eu não posso portar por fé este ponto; limito-me a dizer que si nisso não ha pura invenção, novo realce veio dar á singeleza do quadro, já tão suavemente illuminado desses singulares amores.

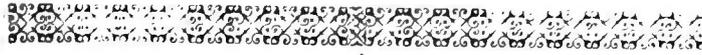
Comprehendendo que a demora de Pedro ao pé de Lucilla podia dar origem a grande inconveniente — o de não se realizar o casamento —, d. Emilia fez-lhe ver que era preciso procurar o confessor

Era tempo. O padre, *fumando* de raiva com a espera do tardio penitente, passeava em silencio, fazendo movimentos nervosos no estreito adro da capellinha como quem queria arrebentar

Este padre tinha genio forte, e com elle não faziam cinco montes.

Por um triz não disparatou.





A's seis horas o pateo da casa de d. Maria, coberto de grama, bem limpo, bem sacudido, começava a cobrir-se tambem de curiosos, attraídos pelo odor da novidade.

Toda a rua parecia sorrir-se. Mulheres e crianças, encostadas ás janellas, devassavam com olhares indagadores o que se passava dentro da sala, e faziam commentarios de todo peso e medida, terminando-os muitas vezes com risadinhas tafulas. No céu nuvemzinhas diaphanas se agrupavam ao redor da lua que tinha na face a brancura lactea do crescente e não o avermelhado com que sae do mar quando é cheia.

Nos portões dos sitios que com as casinhas terreas formam a rua, deixavam-se vêr mocinhas delgadas e matronas gordas, aquellas espartilhadas e mettidas em vestidos bem conchegados, bem justos, estas em roupões folgados e frescos, aquellas atravessadas de fitas e rendas, estas traçadas em chales caseiros, mas tanto estas como aquellas com os olhos voltados na direcção do ponto que attraía a universal attenção.

Com pouco um vulto appareceu no principio da rua, voltou a esquina, e entrou na casa de d. Maria. Era o bacharel, todo encasacado e enluvado, recendendo a oriza e baunilha. A casaca era a que servira na sua formatura; as luvas tinham sido calçadas pela primeira vez por occasião de uma festa de annos, em casa do chefe do partido que estava de baixo. Quanto á oriza e á baunilha, estas foram compradas expressamente para o casamento de Lucilla.

D. Emilia, sentada no sophá ao pé do piano, junto da janella, tinha no rosto enternecimento e satisfação que ganhavam nova intensidade á luz dos candelabros, já então accesos. A flôr parecia estar no primeiro, no mais fresco periodo da sua energica vegetação.

Trajava vestido de escumilha azul côr do céu, apanhado de arregaços das cavas para as hombreiras, com tranças e brilhantinas. Afigurava-se o casulo resplandecente, donde rebentara a nympha daquelle lepidotéro crepuscular. O talhe, cortado a virgem, deixava ver livremente a abundante perfeição do collo de alabastro que arfava e refulgia.

Dando com as vistas naquella frescura, naquella galhardia, naquella brilho inesperado, o bacharel teve um deslumbramento que não pôde vencer. Por instantes ficou em contemplação diante da flôr, ou do astro, ou mais verdadeiramente da carne. Este estado por felicidade passou logo. Uma vez livre delle, o bacharel encaminhou-se á mãe da noiva. Entregou-lhe ella a mão alva, gordinha, pequenina cujo contacto produziu em Tulio um estremecimento suspeito.

— Para que calcei eu tão cedo as luvas? disse comsigo. Malditas luvas! Impediram-me de sentir o aveludado da mãosinha della em primeira mão.

Não se podendo ter, tamanho fôra o effeito da visão encantadora, dirigiu-lhe um comprimento fa-
ceiro, ao mesmo tempo amabilidade e revelação,

a que d. Emilia correspondeu estremecendo e sorrindo.

A este tempo chegaram os padrinhos — os srs. Justiniano Silva e Felisberto Cunha com as respectivas mulheres. Passado um instante chegaram tambem Balthazar das Neves e a mulher, que passa por um *peixão*.

Justiniano era um distincto empregado da alfandega, e Felisberto guarda-livros de uma casa ingleza onde muito o consideravam por ser verdadeiro, trabalhador e de mãos limpas; o primeiro tinha o rosto bonito de mais para homem, fôrmas fornidas e já um tanto maduras; o outro, franzino de compleição, era de trato muito agradavel, e algumas vezes não deixava de ter seu espirito que elle sempre usava com ares timidos, e palavras proferidas a meia voz para não serem ouvidas senão pelos mais intimos.

A mulher de Justiniano era uma belleza. Em Pariz chamar-lhe-iam *ravissante*; no Recife passa simplesmente por bonita; mas, na realidade, ella preenche as condições de delicadeza e perfeição que uma mulher deve trazer nas suas fôrmas; porque... ou bem que

somos, ou bem que não somos : mulher que não é bonita devia ter nascido homem, não podia ser mulher.

Isto não se entende com a de que estou tratando. Esta póde servir de modelo pelo que toca ao corpo, á cor, á gentileza, ao modo de olhar, de falar, de andar, de andar principalmente, que é coisa de muita ponderação numa mulher de sociedade, e mesmo na que é do mato; porque o andar dá idéa do equilibrio da alma, ou antes da boa conformação dos ossos, dos nervos, das carnes, que tudo isto deve ser bem constituido e estar em justa harmonia para gerar a elegancia, a distincção, o lustre, as attitudes esbeltas, principalmente na mulher, que deve ser sempre esbelta desde o levantar-se até o deitar-se.

A mulher de Felisberto, alta, espigada, caracterisava-se pela sympathia que inspiram, e pela bondade que possuem umas feições insinuativas sem descaírem da natural gravidade, uns typos a que não falta nenhuma das prendas da dignidade, typos completos que se sacrificam por uma dedicação, fadados para o heroismo. Quer uma, quer outra, dedicavam sincera amizade a d. Emilia.

Pelo que toca á mulher de Balthazar, era uma mocetona de encher a vista, morena, pescoço que parecia ter ido ao torno, olhos grandes posto que um pouco tardos nos movimentos, sorrisos um tanto hypocritas, palavras que se poderiam contar. Si em toda a festa disse meia duzia dellas, falou pelos cotovellos. O todo é uma especie dessas mulheres que entendem que estando bem vestidas, bem promptas para o que der e vier, atiradas em uma cadeira, ou reclinadas na almofada de um sofá, na inercia de bonecão de gesso, nada mais lhes resta que fazer, têm cumprido a sua obrigação. Quanto a Balthazar, era um empanturrado, um feioso que não sei como achou mulher que o quizesse para marido.

Não se fez esperar a ideal Lucilla, seguida da modesta e timida Bellinha. D. Maria chegou por ultimo.

Comprimentos, beijos, abraços, risadinhas, tudo isto emmoldurado em vaidade inoffensiva. Formou por alguns instantes um grupo suave essa meia duzia de moças risonhas, alegres, que, parecendo incapazes de offender um pinto, poderiam só ellas dar com o mundo em pantanas, pelas suas diabruras.

Justiniano estava de veia nessa noite ; e além de padrinho, o que lhe dava certa autoridade, era antigo amigo da familia ; tinha visto d. Emilia casar-se, e quasi Lucilla nascer.

Logo ao entrar, foi soltando quatro ou cinco chufas ao bacharel com quem de ha muito se dava e que sempre mettia á bulha. Com as suas graças fez rir a todos.

Tulio não se deu por achado com os gracejos de Justiniano ; estava callejado. E talvez para excital-o encaminhou-se a Lucilla a quem offereceu doces, sabendo que, toda entregue aos preparativos, não tinha jantado.

Tanto que Justiniano pescou esta revelação, imitando Tulio, aproximou-se da noiva para dizer-lhe com ares brejeiros :

— Pois logo hoje é que você não jantou, Lucilla ? Não sabe em que vai metter-se. A vida agora é outra. Você vai atravessar o Atlantico debaixo de tempestade. Navio que pela primeira vez cae no mar deve ter o cavername muito seguro para poder resistir ao embate das ondas buliçosas do furibundo Neptuno, que com seu tridente erguido ameaça

revolver todas as grutas, e não deixar em paz as nymphas. Você sorri porque não entende esta linguagem da mythologia.

Os moços soltaram gostosas rizadas sem darem fé da indiscrição, que não fez córar Lucilla, porque Lucilla não alcançava as segundas tenções, e não via nos que estavam alli senão pessoas que lhe consagravam affectuosa estima.

Mas — pergunto eu — por que razão se ha de sempre encontrar um brejeiro ao pé de um noivo, e esta brejeirice não acaba nunca ?

Cumpre todavia notar, que todos se achavam alli em muita intimidade, porque se conheciam e estimavam todos; não havia a menor cerimonia, desde que a roda era de familia, bem diversa das aristocraticas em que a etiqueta obriga á distancia de individuo a individuo, o que ás vezes dá á sociedade um aspecto quasi bisonho, e si não bisonho, taciturno, que não raro cae na semsaboria que não fica longe do enjôo. O que alli se sentia era satisfação, eram alegres momentos, uma convivencia agradável de que todos participavam.

As meninas corriam, saltavam, gritavam; eram os angelicos trasgos daquelle formoso gyneceu; e enquanto ellas punham a casa em revolução, as senhoras entregavam-se á pratica da amizade respeitosa.

— Sabes que mais, Balthazar? perguntou Justiniano ao marido da silenciosa mocetona. Tu te devias chamar Pantaleão ou Zebedeu.

— Por que motivo? tornou-lhe Balthazar.

— Porque és muito grande e muito feio.

Gargalhada no circulo dos homens.

— E dirá si não tenho razão — continuou elle — o dr. Tulio, que estudou astronomia.

Novos applausos.

— Estudei melhor a zoologia, e posso fazer a clssificação do fossil — respondeu Tulio.

Repetiu-se a gargalhada.

Mas de repente voltam-se para o essencial: Pedro tardava. Depois da confissão tinha ido ao Recife a buscar uma carruagem para o levar á igreja; mas nada de chegar.

Qualquer luzinha que apontava no horizonte ao longe, dizia-se que era Pedro com a carruagem, ou antes a carruagem com Pedro.

Méero engano. Uma vez era uma carroça carregada de capim. Disto tirou Justiniano motivo para novo rasgo de espirito, que não me animo a reproduzir nesta narrativa porque desejo que ella passe á posteridade leve, fluida, sem ter pesado um momento no cerebro do leitor

Nestas intermittencias e alternativas, ora gracejos, ora silencio profundo, passou-se bem uma hora. Começavam já a inquietar-se os padrinhos, que o caso não era para menos. Justiniano para bulir com Lucilla, dizia que Pedro tinha sido agarrado, e áquella hora já estava num vaso de guerra, de caminho para o Rio Grande do Norte onde devia ficar degradado. Felizmente palavras não eram ditas, quando appareceram indicios de estar salva a situação. Um carro parou á porta, e de dentro saltou Pedro.

Apenas Pedro entrou, chegou um portador com recado do padre Alexandre. Mandava este dizer que estava cansado de esperar. O portador completou a noticia, ajuntando que o padre estava furioso.

Emfim levantaram-se todos.

Na primeira carruagem entrou Lucilla, Justiniano, a mulher, e o dr. Tulio. Na segunda entrou d. Emilia,

Felisberto, a mulher, e a menina Bellinha, cuja modestia e belleza harmonisavam-se perfeitamente com a brancura do vestido adornado de enfeites azues. Na ultima carruagem entrou Pedro, com o Balthazar e a mulher. Viagem de meia cara, já se vê.

A meninada, reunida á porta da casa, deu uns vivas aos noivos no tom patusco do costume; e um taberneiro de junto, de cima dos seus tamancos atroadores, dirigiu uma graça, pesada como lhe estava pesada a cabeça, a Rita que nesse momento passara ás carreiras para a capellinha, levando uma roda de cravos na mão.

A rua recaíu no seu socego de sempre, enquanto não voltavam os noivos.





A capella de Nossa Senhora da Conceição está á beira da estrada com o rosto voltado para o nascente. O muro do sitio a que ella pertence, e em que está vinculada como encargo de um antigo patrimonio, vem vindo de norte a sul, e de repente soffre uma solução de continuidade. Esta solução abre espaço ao pequeno pateo, que fica para dentro da parede mural cerca de uns vinte passos e em cujo vão se levanta a solitaria ermida.

Por detraz erguem-se coqueiros e mangueiras, cujas sombras alcançam a capellinha quando o sol declina para oeste. Frescas tardes e risonhas manhãs passam por sobre esse pittoresco retiro como afagos de primavera.

A nave estava cheia de curiosos, jovens e matronas, dos sitios adjacentes a quem a solemnidade arrancara á usual indolencia domestica. Folhas de canella, jasmins, resedás, madresilvas e alecrins tapetavam o pavimento.

Houve ainda uma pequena demora enquanto Pedro tomava as roupas de noivado, no sitio contiguo, onde reside uma illustre irmã de d. Emilia, a qual se achava com o marido na igreja.

Os homens entraram para a estreita sacristia.

O padre Alexandre, paramentado, conversava com o Tulio.

— O senhor ha de desculpar a demora, disse este. E' devida ao rapaz que andou dando, á ultima hora, umas voltas no Recife.

— Estou aqui desde as seis. O seu noivo. .

— Advirto que eu não sou a nubente. Desta é que elle é.

— Para mim elle é do senhor — tornou o padre. Mas imagine lá o que havia de dizer-me, assim que entrou aqui, sem ter attenção nos estranhos que estavam commigo.

— Alguma puerilidade?

— Uma grande inconveniencia. Vae ver. Foi entrando e dizendo em voz alta: «Sr. padre, eu só sei o *Peccador*, o *Padre Nosso* e o *Acto de Contrição*. Peço-lhe que não me pergunte outras orações, que eu não posso responder.»

— Tem graça — disse Tulio sorrindo-se.

— Que bom noivo! — continuou o padre.

— Deste calibre são quasi todos.

— Essas mesmas orações creio eu que elle as decorou agora expressamente para confessar-se. Os rapazes deste tempo concertam 'relogio, mas não sabem dizer quem é Deus.

— Desejo que o senhor faça a cerimonia dos aneis — disse Tulio, desviando o padre daquelle thema escabroso.

— Já não se usa.

— Quem lhe disse? Usa-se.

— Que está dizendo? Si eu moro por traz do céo... Por isso vem e vão os usos e as modas sem que eu saiba quando vieram ou quando foram. Mas não ha duvida. Benzo os aneis e tudo ha de ser como quer a sra. d. Emilia. Não foi ella quem se lembrou desta novidade? Tem lembranças aquella d. Emilia.

O padre sorriu-se.

— Que tal achou a licença do vigário?—perguntou Tulio.

— Está em fôrma. Logo abaixo hei de lavrar o termo do casamento, que os padrinhos assignarão agora mesmo.

— Agora? — perguntou Justiniano.

— Já. Tudo fica prompto hoje, não quero duvidas. Preto no branco. Mando logo a papelada ao vigário para elle fazer o lançamento no livro competente. Por quem espero?

O padre, homem seguro, parecendo, não sem razão, receiar-se de qualquer vingança do subdelegado, não queria deixar uma pontinha por onde pudesse ser filado.

— Tanto melhor. Vamos logo com isto — disse Justiniano soprando de calor.

Nisto chega o noivo, o que se deu logo a conhecer pelo alvoroço das mulheres no corpo da igreja.

Emfim, um quarto de hora depois, Pedro e Lucilla estavam casados.

Apenas concluída a cerimonia, procedeu-se á partilha dos cravos.

Cada moça solteira queria um do noivo, cada rapaz um da noiva. Até Rita exigia o seu, allegando razões plausiveis que foram attendidas, porque si não fôra Rita, a festa não tivera tanta animação e brilhantismo. Rita podia dizer o que dizia aquelle mascate da primorosa *Festa de Baldo*, aquelle Guimarães, pae de d. Clara, quando encontrava a gente de Goyanna trajando da chita espantada, da cassa, do filó, ou da sêda verde que elle vendera :

« Metade, ao menos, do esplendor me devem. »

Não é pois de admirar que, quando não chegaram todos os cravos para um terço dos que queriam, saísse Rita, muito ancha, com o seu, mettendo inveja a muita rapariguinha nova que rescendia a banha de jasmim e esperava tirar a *sorte grande* pelo Natal, por obra e graça de um cravo do noivo.

Seguiram-se as congratulações e os abraços de ternura.

D. Emilia estava radiante de satisfação.

— Sua menina tirou o maior premio — disse-lhe uma senhora baixa e cabelluda, com quem a mãe de Lucilla talvez nunca tivesse trocado uma palavra.

D. Emilia respondeu simplesmente :

— Quem o tirou fui eu .

Pedro e Lucilla sorriam como duas crianças que esperavam que a festa havia de ser boa porque lh'o diziam, e não porque o soubessem .

Deliciosa imprevidencia ! Grata e fulgurante illusão do olhar sereno da mocidade — da mocidade innocente e ainda em ser, não da mocidade gasta, mais velha que a propria velhice ; da mocidade virgem que só alcança nos horizontes risos e formosuras !

Mas quanto não se enganava essa mocidade ignorante e esplendida ! Quanto não são ephemeras as rozas e o azul dos seus horizontes limpidos !

Todos aquelles brilhos são brilhos fatuos, crianças. A vida não passa de uma chimera, ainda quando sorri como nas festas nupciaes . Faço votos para que essa formosa fantasmagoria não se desvaneça nunca para vós que tanto vos amais .

Mas não annuuiemos a limpidez do céu diaphano com a sombria nuvem de uma reflexão philosophica .

— O sr. Justiniano é casado ? perguntou o padre Alexandre lavrando o termo em seguida á licença do vigario, como dissera havia pouco .

— Sim, senhor. A sorte teve esta barbaridade para mim — « a sorte implacavel » como se dizia nas tragedias.

— Como são as coisas ! advertiu o padre. O senhor atira pedras á sorte. Agora aquelles dois a quem acabo de unir, estes atiram-lhe flores.

— As coisas são assim mesmo, sr. reverendo. E' preciso entrar nellas para saber o que ellas têm por dentro.

— E o sr. Felisberto tambem é casado ?

— Todos aqui são casados ; até mesmo este *capão de quenga* que aqui está.

Era Balthazar.





O arrabalde voltara á sua habitual placidez. A festa fôra um como sonho deleitoso, que viera abrir, por instantes, um parenthesis na monotona indolencia do retiro, fôra uma como nota ruidosa e alegre que quebrara aquella harmonia morna e meridional, depressa restabelecida.

Nos fins da estrada, ha pouco revolvida por importunos visitantes, está agora a ermida serena e muda como a flor do ermo. Nem o mais leve rumor interrompe a paz do santuario. Passou o mundo indiscreto, indagador, mexeriqueiro, maligno, e ficou a inoffensiva, a hospitaleira e maternal natureza. Só o luar bellissimo, só as auras, só as sombras, só o

arvoredo fazem companhia á Conceiçãozinha na benigna solidão.

O movimento de ha pouco já ia longe, ia no caminho do engenho de Luiz Corrêa. Não sei si o leitor ainda se lembra que este Luiz Corrêa é o subdelegado de que tenho tratado atraz, o pae de Pedro.

Este e a joven consorte, na sua amorosa humildade, na sua obediencia filial queriam receber a benção paterna, essa benção que importaria para elles o perdão. Eis porque, deixando d. Emilia em casa de d. Maria, corriam sem perda de tempo, como quem ia tirar o pae da forca. Parece que elles é que eram verdadeiramente os enforcados.

Eu não quero penetrar no cerebro dos dois jovens esposos para devassar a nuvem de tristeza que ahi, entre vistosos castellos de illusões, fazia um funesto matiz. O leitor que imagine o contraste, collocando-se nas condições daquelles innocentes, que mal ajudados, tinham podido vencer sem páo nem pedra a resistencia do pae caprichoso, temido em todos aquelles arredores, e agora, caíndo em si, corriam pressurosos a confessar-se constrictos e arrependidos.

Mas, coitadinhos! foram mal succedidos. Luiz Corrêa recusou-se a recebê-los. Nem sequer appareceu aos padrinhos, pessoas acima de toda excepção, e um delles amigo seu. Houve quebra de amizade. O homem, que pouco antes soubera do que tinha occorrido, estava furioso.

Eu não gosto de pôr os podres de ninguém na rua, e por isso, boca calada. Mas sempre direi que dia virá em que Luiz Corrêa, pensando melhor nas coisas desta vida, ficará envergonhado do seu procedimento, porque elle não era para fazer isto. Creio piamente que elle ainda se ha de arrepender mais do que fez do que estavam arrependidos os dois meninos que não tinham culpa de querer ser felizes. Creio piamente no arrependimento de Corrêa, porque, de parte certas fraquezas, umas das quaes são e hão de ser o eterno patrimonio de todo homem, e outras presente de preconceitos que atacam alguns, Corrêa tem muitas qualidades boas.

Previendo que as coisas haviam de dar nisso, porque elles bem sabiam com quem estavam mettidos, os meninos tinham de antemão conseguido de uma obsequiosa senhora que morava nas immediações

do engenho, uma accommodação em casa della, emquanto não se desfazia o temporal. Foram ahi recebidos com os braços abertos, sem estrondo, porque a casa é pobre, mas com a melhor vontade, digna da maior gratidão.

Isto acrescentou uma face romanesca á aventura dos jovens esposos; deu mais vida e poesia ao crystallino drama dos seus amores.

Estão allí instalados (é como agora se diz) como um casal inglez.... inglez, não, hespanhol ou napolitano, passando a sua lua de mel com uns resaibos de fel remoto, não obstante estar bem perto.

Quando Luiz Corrêa passa de carruagem pela frente da casa, com a cara fechada, carrancudo, Pedro, si está na janella, corre a occultar-se; Lucilla, porém, esta em vez de imitar o marido nisso, quando em tantas outras coisas o copía, chega bem para diante, afim de ser vista, e lança ao senhor de engenho uns olhares longos, supplices, quasi chorosos, até que elle desapareça atravez do cercado.

Depois volta-se para o marido, que já está junto della, e diz-lhe com um tom de magoa, que é um mixto de ternura e exprobração :

— Nem olhou para mim !

Amanhã, 5 de dezembro de 1868, faz oito dias que os nossos jovens se casaram.

Luiz Corrêa persevera resentido. E' cabeçudo. Não cede por duas razões ; são precisas pelo menos tres.

Mas por que motivo tanto ressentimento ? Lucilla é a virtude em carne e osso. Poucas moças tenho conhecido tão dignas de ser estimadas e admiradas.

Resentido de que, o sr. Corrêa ? Muito mais digno fôra que elle chamasse o filho e a nora para sua companhia, e fosse pae de ambos como é pae de um delles.

As vaidades deste mundo acabam todas, por maior que tenha sido o lustre na vida, acabam todas no chão da cova ; só o que fica do homem é a memoria das suas acções ; e uma vez que estas podem ser claras ou negras, cumpre que só as tenha bem claras o que quer poupar aos seus no futuro qualquer fumo de dezar que possa sombrear o seu nome, e envergonhar a familia.

Pensa tambem assim o Tulio, que é ledor da biblia e dos philosophos da idade média.

E não somos nós sómente que pensamos assim; pensam muitos. Por exemplo : o Justiniano e a sua galante mulher ; o Felisberto e a delle, que, si não tem o merecimento de ser galante como a de Justiniano, é muito ajuizada, e só anda pelo bom caminho ; d. Emilia e d. Maria, posto que suspeitas nesta causa, que ainda vem a ser dellas. Só o Balthazar, este não; este tem outro parecer; aprendeu por outra cartilha. Ouvi mesmo dizer algures que elle não cessa de dar razão a Luiz Corrêa, naturalmente para o incensar. Que lhe faça bom proveito.

Mas eu ia esquecendo uma circumstancia importante que não deve ficar fóra desta memoria.

Meia hora depois do casamento, quando a estrada já tinha recaído na sua modorra, o nosso Tulio abriu a porta do oitão do sitio delle que dá para o septentrião.

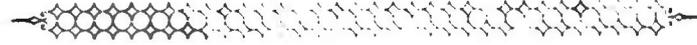
A natureza sorria adormecida.

Uma brisa impregnada de aromas de mangerona, alecrim, flor de cajueiro, afagou as narinas do philosopho.

Mas desta vez o Tulio não era philosopho, era poeta: estava attento, ouvindo, menos com os ouvidos que com o coração, as ultimas notas de uma serenata que cantava ao piano a mãe de Lucilla.

O coração estava attento na musica, mas o pensamento de Tulio, esse não podia estar mais cheio da imagem de d. Emilia.





Ultima hora.

O diabo não é tão feio como o pintam.

Hoje é 4 de dezembro. Lucilla escreveu a d. Emilia, participando-lhe importantes novidades.

Baixou o barometro do mau humor de Luiz Corrêa.

— Ainda bem! — diria com seu sorriso no canto da boca o Justiniano, sempre fleugmatico como um inglez, cujos habitos elle procura arremedar, tanto assim que já depois de quarenta annos chamou mestre para lhe ensinar a falar a lingua de Shakspeare.

Suppõe Lucilla que em pouco tempo estará feita a reconciliação entre o pae e o filho, que é presentemente o que os recém-casados mais anhelam para que a sua lua de mel se prolongue, ou por outra, para que a sua lua de mel seja verdadeiramente o que o nome diz ; porque até agora tem tido seu travosinho o copo do deleite.

Eu bem dizia ha pouco. O Corrêa não é mau sujeito. Depois de meditar, mudou de rumo para não naufragar.

A menina tem na carta filiaes expansões.

A carta é longa. Poder-se-ia comparar a um testamento si não estivesse tão longe de se parecer com este documento de ultimas disposições um escripto que é, ao contrario, o documento das primeiras disposições de Lucilla, que é quasi o programma do seu novo estado, que é, por assim dizer, o portico do esplendido paço da sua nova existencia.

Eu não devo revelar, posto que não me falem bons desejos, as aereas simplicidades, as sonoras sin-gelezas, os esboços azues que, comquanto passando pela vida intima da familia, formam o gracioso contexto da missiva de Lucilla.

Tive a carta nas minhas mãos. Li-a com interesse, e admirei-a como modelo epistolar; mas ser-me-á licito trasladal-a aqui *verbo ad verbum*? Fique o leitor com agua na boca, que eu tambem fico.

Todavia, darei por alto uma idéa muito descolorida dessa pagina em que derramou parte da sua indole a poetica menina.

Diz ella que, logo que o seu maridinho se possa arranjar, hão de vir morar junto de d. Emilia, a qual por ora continúa a residir em casa da sua cunhada d. Maria.

Diz que elle e ella são tratados á vela de libra na casa onde estão; que d. Emilia mande as costuras e os vestidos que ficaram cá; mais isto, mais aquillo.

Lucilla lembrou-se de tudo, menos do saguí que não devia levar na occasião de retirar-se, mas de que não se devia esquecer, porque o tal animalzinho lhe foi dado por Pedro quando ainda não passavam de ingenuos namorados.

Acho esta omissão inexplicavel; mas vejo nella uma conveniencia. O que se havia de responder a Lucilla, si o saguí falleceu dias depois, de saudades

segundo dizem em casa de d. Maria, mas de esquecimento e fome, segundo penso e creio eu?

A carta conclue com estas palavras :

— « Eu e Pedro, mamãe, não temos mais para onde estarmos satisfeitos. »

Podera não! Casados de novo.

Paire sobre elles o espirito de Deus, como pairava outr'ora sobre as aguas.

Estylo antigo, mas de casa.

Sou forçado a fazer este *post scriptum*—ultima pagina. Estancia negra de um resplandecente poema.

Estamos em 5 de agosto de 1869. De 4 de dezembro do anno passado até hoje deram-se notaveis occurrencias que têm relação intima com a presente historia.

No dia 24 de maio falleceu de uma hepatite aguda d. Emilia, em casa de d. Maria.

Foi um acontecimento que enlutou a estrada que ella amava tanto e onde deixou memoria muito bem-quista.

Imagine o leitor o reverso da festa por ocasião do casamento — em lugar de universal expansão, universal recolhimento; magoa onde outr'ora alegria; famílias concorrendo pezarosas á capellinha, aonde alguns mezes antes tinham feito uma romaria de prazer; Rita — eu não posso esquecer-me de Rita, importante personagem da minha narrativa — Rita comovida, levando para a igreja, em vez de festivos cravos, funebres perpetuas, em vez de colchas es-carlates e azues, crepes negros, Rita com tardos passos, quando os tivera tão velozes e quasi aereos; imagine tudo isto o leitor, e terá um pallido aspecto da estrada, da Conceiçãozinha, das famílias, de Rita no dia do lastimavel fallecimento.

Volvamos a folha.

Lucilla e Pedro moram já em casa do Corrêa, que se abrandou como cêra, especialmente depois de saber da morte da mãe de sua nora.

Tulio tem sido victima de grandes injustiças e ingratições.

Ha uns typos assim, que sempre encontram fel no fundo do copo onde elles mesmos puzeram liquor excellente.

Não se mettem ainda muitos dias que elle me disse, em tom de queixa :

— Quanto mais faço, menos mereço. Perfidias e aleivosias — eis com que me retribuem serviços que, si fossem pezados na balança da justiça, deveram ter outro valor... Mas este é o lado característico da sociedade — prodiga no pedir, vilã no pagar.

Encontrei-o dias depois em casa de um cunhado de d. Emilia.

Entrando, reconheci o piano que fôra della.

Tulio estava tocando umas musicas ligeiras que a mãe de Lucilla lhe ensinara.

Interrompeu-se logo que me viu entrar.

E porque a conversa tomou por assumpto aquella a quem o piano pertencera, o bacharel, dentro em pouco exaltando-se, depois de profunda commoção, proferiu estas palavras :

— Não foi sómente ella que morreu, morreu tambem o seu instrumento predilecto, fonte das suas delicias, arma dos seus triumphos, encanto com que fascinava os seus admiradores que eram todos os que a ouviam tocar estas teclas. Que valor tem hoje elle? Um valor diminuto. Outr'ora, junto áquella

que o educara e de cujo talento musical era elle uma como continuação viva e gloriosa, este piano tinha um preço incalculavel. Hoje não é mais que uma esplendida clausura de brilhantes acordes adormecidos. Que vales tu por ti só, harpa sem David, lyra sem Orpheu? Si és mais que um aparelho inerte, si tens uma alma, repete, sim, repete as vozes, os sons, as serenatas deliciosas, as operas admiraveis que outr'ora, obedecendo ás mãos inspiradas da tua senhora, entoavas como um cantor insigne. És uma machina trivial, secundaria nas minhas mãos. Falta-te a scintilla electrica do genio que vivificava aquella formosura a quem tanto deves, aquella esplendor que desapareceu rapidamente, como um relampago que se extingue. Estolido avarento, deixas-te consumir com os teus thesouros encerrados em teu seio, por não saberes ou não poderes pôl-os em gyro. E tão desgraçado és que nem, ao menos, te é dado chorar, como eu chore, a ausencia da creatura excelsa que deixou signaes dos seus dedos de artista em tuas teclas frias, estas teclas que não souberam estalar quando ella caíu como ave canora, fulminada pelo raio.

Mas o piano indifferente a essa magoa e a essa saudade, sem entender a linguagem daquella exaltação abrupta, continuou mudo e immovel como um tumulto.

Tumulo era elle, tumulto de harmonias mortas, tumulto de um amor, talvez!

FIM

APPENDICE



Dearest Franklin Tavora.

E' tarde. A noite já vai além do meio, e eu velo pensando no senhor.

Admira-se? E' porque não sabe o motivo que trouxe-me ao pensamento a sua pessoa.

Acabo de reler seu *Casamento no arrabalde* e tendo vontade de conversar comsigo, tomei a penna e vou ver si deixo no papel quantas idéas me advierem.

Si estivessemos ao alcance da voz eu discutiria si encontrasse opposição, como é provavel; ausente, porém, procurarei ir adiante das objecções que presumo me seriam oppostas; por isso creio que encherei as duas folhas de papel aqui deitadas ao meu dispor.

Eu estava aborrecido e sem somno, tentei vencer esse estado morbido pelo trabalho. O philosopho da *Hygiene d'alma*, si nada alcançou ensinar-me, ao menos o fez quando o máo humor sobreveni.

Tentei ler, tentei estudar e o espirito reagiu. Não se fixava em coisa alguma. Nem Buckley, nem Thierry, nem Littré, nem Broca, nem Topinard, nem Proudhon — nenhum desses que têm o privilegio de me prender a attenção, o consoguiram agora.

Abria um depois do outro e assim gastei muitos minutos. Ia desanimado atirar-me á cama para calcular indefinidamente as taboas do tecto, quando reparo para o *Gubernatis*, tomo-o, leio algumas paginas e meu pensamento encontrou uma direcção.

A interpretação geral dos mythos, a identificação que elle consegue estabelecer, por exemplo, entre a *Gata borralheira*, conhecida de todos nós desde a infancia, com a Aurora, a *moçoila sem sapatos*, do hymno vedico, fez-me pensar na somma de conhecimentos perdidos por termos tido um só Juvenal Galeno, e esse mesmo de duração metheorica, e apenas um Celso de Magalhães, conquistado ás Lettras pela Jurisprudencia, isto é, um assimilador e um judicioso critico da poesia popular. ¹

E pensando em tantos e tão bellos talentos ostiolados nas estufas da imitação dos Musset, hontem, e Baudelaire, agora, recordei-me que José Soares de Azevedo emprehendera a poesia popular. Procurei sua lenda poetica sobre as *Mangas de Itamaracá* afim de ver si conseguia por minha vez identifical-a com alguma divindade indo-europea, afilial-a a algum de seus mythos.

Era trabalho capaz de extinguir, de curar o mais feroz *spleen* anglo-saxonio. O meu, pois, estava morto.

¹ Quando me foi dirigida esta carta Celso do Magalhães ainda não fora arrebatado á patria, ás lettras e aos amigos, nem o dr. Sylvio Romero emprehendera a publicação do seu interessante estudo sobre a poesia popular, na *Revista Brasileira*, pela razão muito plausivel de não ter esta ainda começado.

Encontrando o folheto da lenda deparei tambem com *Um casamento no arrabalde*, e, em vez de entregar-me, como projectara, ao labor interpretativo, fiz a leitura do seu romanceto.

Acredita? Aquella simplicidade, aquella despreziosidade, aquella naturalidade, pareceram-me de sabor tão *balzachino* que conquistaram-me mais applausos que o seu *Cabelleira*.

E' uma heresia, não é assim? Tambem eu acharia si minha proposição importasse confronto com o primeiro livro da (deixame chamar pseudo?) litteratura do norte.

Eu não quero, exprimindo-me assim, dar opinião sobre o valor litterario de seus dois romances — minha preferencia não vae além de uma questão de sentimento.

Ah! eu tenho muitas destas.

Quer saber dos romances de Alencar o de que mais gosto? *Os cinco minutos*. Acho nelle uma poesia tão delicada, um perfume tão suave que ainda me não fartei de o aspirar.

De Dumas, o velho *sang-melé*, que gastara o tempo nos prazeres, porque sabia que adivinhava quanto desejava saber; de Dumas o autor de cem romances, gosto do *Amaury*.

Em pintura, e V. sabe quanto aprecio o Victor, quantos dias tenho passado contemplando sua epopéa dos *Guararapes*, sua *Primeira missa, etc.*, pois gosto mais da *Moema*, julgando-a na concepção, na execução, no valor material e artistico inferior ás outras.

E' que sempre que a belleza e a poesia vem insinuar-se em minh'alma, suavemente, modestamente — eu as prefiro.

E' por isso que gosto mais das luzes do arrebol vespertino que das opulencias do meio dia.

Fiz comprehender em que importam minhas preferencias?

Então eis porque gosto daquelle seu romance, talvez completamente esquecido do proprio autor.

Porque não fal-o ser lido aqui?

Sei que me vai repetir o que por vezes me tem dito a proposito dos seus *Patriotas de 1817* :

— Para ficar nas livrarias á disposição das traças, com prejuizo das despezas de impressão? Ah! o povo brasileiro não lê escriptos de brasileiros.

E' verdade, nós pouco lemos do que ó nosso, mas sabe por culpa de quem? da imprensa jornalística.

Sim, da imprensa.

Publica-se um livro e a imprensa cala-se, pois a tanto equivale a noticia fria e descarnada que dá.

Agora mesmo temos tres exemplos.

Com pequeno intervallo V publicou seu *Matuto*, segundo livro da litteratura do norte, o dr. Araripe Junior, *Luizinha*, romance que pertence ao mesmo cyclo litterario, e o dr. Sylvio Romero poesias enfechadas sob o titulo *Cantos do fim do seculo*.

O que disse a imprensa? Nada. Reina um silencio em torno destas novas publicações.

E no entanto Tristão de Alencar é moço que desde os tempos academicos trabalha nas letras, escreveu contos, romances, criticas. envolveu-se em polemicas politicas e religiosas, fez conferencias no Ceará — enfim tem procurado construir um nome.

Sylvio Romero é autor de innumerous trabalhos de critica. Desde os annos de seu tirocinio academico procurou accentuar sua personalidade analisando escriptos e escriptores brasileiros de certa altitude. O nome proprio, por maior que fosse, não o fazia parar, até, pelo contrario, o rigor de sua analyse caminhava sempre na razão directa delle. Laborioso, nunca deixou-se ficar na retaguarda; o jornalismo do Recife deve-lhe parte da elevação a que attingiu.

V. é dramaturgo, romancista, critico, polemista e fez-se chefe do que chama litteratura do norte, no que discordo. E discordando, porque entendo que o que constitue uma litteratura

não é o assumpto de que ella se occupa, mas sim o conjuncto dos trabalhos intellectuaes de um povo, escripto em seu idioma, pois não posso admittir que, por ex. *L'amour dans le mar age*, de Guizot, pertença á litteratura ingleza, *Les orientales*, áquella cujo nome pronúnciando-se o do livro fica designada, *Gil Blas*, de Lesage, o *Cid*, de Corneille, e o *Ernani* de Hugo á hespanhola, *Alba* e *Nadège* de Luiz Ennault, á sueca, os romances de Gustavo Aymard, á americana (?), etc., e sim todos elles á opulenta litteratura franceza; discordando, dizia, sou o primeiro a reconhecer que V. com seus novos livros deu salutar direcção á nossa nascente e vacillante litteratura, amoldou-lhe á physionomia o cunho brasileiro, assim provando que ella é independente, que pôde existir inteira sem que se fale uma vez siquer em tupys e tamoyos, tacapes e borés.

Sabe que foram sempre essas minhas idéas, deve recordar-se que em nossa *União do Norte* por vezes discutimos a respeito.

Pois bem, obras de um homem, como V., que além de occupar posição digna de fazel-o notado pelos homens de certa esphera social, foi redactor de uma gazeta da importancia da *Verdade* — deixam-se envoltas no silencio!...

Fallei na *Verdade*!...

Acaso sabem, ou lembram-se ainda os que souberam, de sua existencia?

No entanto, meu caro, — e si isso pôde lisongeal-o, lisongeie-se —; no entanto si não fosse a *Verdade* aquella conspiração de Vertentes não teria sido frustrada por falta de elementos, a rebellião dos *quebra-kilos* não se teria concentrado em poucos municipios da Parahyba e ainda em menor numero de Pernambuco, e a prisão do sr. d. Vital teria custado muito sangue!

Elle não quiz seguir a pé, e em habitos pontificaes com o fim de incorrer no ridiculo. Contava com a massa da população. mas estava enganado. O Recife estava transformado. A *Verdade*

e as conferencias promovidas pela Maçonaria tinham mostrado aos que não eram analphabetos ou surdos por systema que o que diziam religião não passava de interesses partidarios dos inimigos do progresso.

Quem mais do que V. tem direito a juizo severo e franco da imprensa? E ella é indifferente!

Nem que se tratasse do escripto de um principiante destituido de merito, ou que, pelo menos pela estreia nada demonstrasse, de bem ou de mal!

Insulto ou delicada, poróm formal contestação de mercamento?

Nem um, nem outra. E' apenas systema commodo de livrar-se de compromettimentos, este systema habitual da imprensa.

Mas não ó por certo para que se leia no dia seguinte, em todas as gazetas do paiz, e com a uniformidade das caixinhas de musica, o indefectivel:

« Recebemos do sr. F. um exemplar de sua obra "... impressa na typographia ... Agradecemos » que conserva-se o costume de offercer-se ao jornalismo um exemplar de cada obra publicada.

Nem é favor tão pouco; é direito do jornalismo essa recepção, como é direito do escriptor o juizo imparcial e franco sobre sua obra.

Pois bem — si ha dois direitos em concurrencia, e si um é respeitado, porque o outro é contestado ou sophismado?

Sei que allegam, e com fundamento, a susceptibilidade ultra de muitos de nossos escriptores, que não toleram sem irritabilidades *crotalicas* a menor observação sobre seus pimpolhos intellectuaes.

Sei.

Quid inde?

Porque póde ficar amuado um fatuo, desiste *um homem de bem* do cumprimento do dever?

É porque não observa-se a mesma consideração para com os **homens políticos** ?

Por *desgraça* a reputação do politico será comparavel ao muro caiado de novo, que desperta no garotó o desejo de sarapintal-o com o primeiro carvão apanhado no lixo ?

O caso é outro.

A politica tem o dom de attrahir. Para julgarmo-nos aptos para nella representar qualquer papel, basta-nos saber soletrar. Mas os logares são poucos, abrir vagas, pois, é a tarefa de quem ambiciona.

Por isso todos atiram-se aos politicos como os vagalhões da tempestade ao penhasco perdido na entrada de um estreito.

Quanto ás letras...

São pouco lucrativas, excepção a favor das de cambio !..

Si ha quem as julgue occupação impropria de homens feitos...

Recordo-me que o dr. Macedo foi atado ao poste do escarneo, porque, deputado provincial, publicou seu lindo poema *Nebulosa* !..

Não é pois, o temor de offender!.. E quando fosse era infundado e irrisivel. Em toda parte a imprensa digna cumpre este dever e os Planche, e os Sainte Beuve, e os Sarcey, e os Ramalho Ortigão não andam ou andaram de espada em punho a baterem-se em duello.

A missão da imprensa é difficil, é mesmo arriscada, por isso nobre e util.

Leader da opinião deve dizer franca, imparcial, judiciousa, e mais que tudo *competentemente*, o que pensa a respeito de todos os acontecimentos pelo menos os locaes de certo vulto e alcance.

Ella é além de *leader*, guarda e defensora de todos os direitos.

Imprensa que até ahí não alveja, não é imprensa — é papel sujo por caracteres de antimónio e tinta feita com pós de

sapatos diluidos em oleo de linhaça — pôde servir para nodoar caracteres, abrir brecha em reputações, muitas vezes honrada e laboriosamente firmadas, e... para papel de embrulho — não para esclarecer. Pódo ser o tição que tisna, mas nunca o pharol que illumina.

A imprensa brazileira representa papel intermediario ; não é bem de uma nem de outra das duas especies. Representa um typo de transição ; um ornithorinco moral, nem passaro completo, nem completamente mamifero, tendo de ambas as classes traços bem pronunciados e caracteres bem distinctos. Assim vemol a, ás vezes, abrir o vôo, atravessar o espaço, attingir as regiões superiores das altas questões sociologicas, e economicas, e politicas ; outras, em seguida, baixar bruscamente á terra, ás questões de interesse pessoal, e ainda mais, atirar-se á agua lodosa dos brejaes e charcos, onde pullulam os batracios o os ophidios, donde á menor ondulação, ao mais diminuto revolvimento se desprendem miasmas, transbordam as massas putridas das paixões inconfessaveis !...

A nossa imprensa, que registra até factos do exclusivo dominio da vida privada, como os bailes familiares, habito que só a vaidade parva podia fazer crear e tornal-o inoffensivo, a nossa imprensa, que fareja nos banquetes solemnizantes de qualquer acto referente muitas vezes a illustre desconhecido, quantos calices de hesperidina ou de *old brandy* foram, antes do brodio, esvasiados para alentar o enfraquecido estomago de s. ex. *tal*, e quantas taças de champagne virou s. ex. *qual* em honra de seu amigo *Fuão* ; a nossa imprensa não transportou da Europa o uso de noticiar, *depois de estudo circumspecto*, os livros que são offerecidos á sua analyse critica.

O resultado é que o apparecimento dos nossos livros escassâa, e os raros que se aventuram no mercado, só obtêm procura, quando os taberneiros os tomam a peso para encartuchar especiarias.

Nem se diga que não é a imprensa que devemos o facto excessivamente vergonhoso de não serem lidos mesmo escriptos, firmados por nomes distinctos de nossa litteratura. Temos um exemplo de hontem — a procura excessiva, o esgotamento em poucos dias, de um livro bem escripto, mesmo primoroso na fórma e na concepção, mas não o unico com taes caracteristicos, devido principal, senão unicamente, á posição que assumio a nossa imprensa incitada por um dos paladinos do jornalismo, o distincto pamphletista portuguez, o sr. Ortigão.

E' inutil dizer que me refiro ao *Primo Basilio*.

Habituamo-nos a ouvir dizer que lemos pouco, ou pelo menos que só lemos livros escriptos em francez. Mas isto é uma falsidade. Tanto não lemos pouco que as livrarias se multiplicam, e os belchiores de livros surgem em todos os bairros, e seu commercio tanto progride que alguns, em pouco tempo, se methamorphoseam em verdadeiros livreiros, e até em livreiros edictores. Á accusação de que não lemos obra em idioma vernaculo responde o facto de sermos os primeiros consumidores das edições portuguezas.

Só não lemos os escriptos dos litteratos nacionaes. — A excepção a favor de José de Alencar e Joaquim Manoel de Macedo não enferma em nada a proposição.

A causa? Será que não tenhamos patriotismo? Não. Sempre que vem a pello citamos, a proposito de lettras, o autor do *Guarany*, como o Carlos Gomes para contrapôr a quanto maestro teem produzido operas, Pedro Americo e Victor Meirelles sempre que se falla em pintura. Nós nos comprazemos com estas glorias nacionaes.

Porque não deixamos entregues ás traças dos mercadores de livros *As noites de insomnia*, a *Morte de D. João*, o *Crime do Padre Amaro*, por exemplo? Será o patriotismo de nossos hospedes o thaumaturgo? Tambem não creio. Nós tambem correremos ao mercado.

Mas deve haver uma causa ! Sem duvida. È, quanto a mim, a critica portugueza ; é aquella pleiade de talentosos rapazes e duas distinctas senhoras, que vivem para e pela penna, e que isso produzem.

Precisando do assumpto hodierno para suas elocubrações, não deixam passar sem analyse, mais ou menos justa e imparcial, publicação que lhes vae ás mãos. Seus folhetins, seus artigos criticos e bibliographicos sendo transcriptos por nossos gazeiteiros *economicos*, ou sendo aproveitados á surdina pelos livreiros para chamariz, ou á socapa por alguns correspondentes que gostam de fazer litteratura sem o trabalho da deglutição — dão-nos sciencia dos novos livros e seu valor, aguçam nos o appetite, de sorte que, quando aqui são expostos, nos apressamos em adquiril-os.

Tem produzido tão bons resultados o systema seguido em Portugal pelos seus jornalistas, que nós, aqui e nas provincias, conhecemos melhor o mais mediocre escriptor de alem mar, que o mais distincto da provincia vizinha. Perguntem no Castellões ao primeiro litterato que avistarem : — Quem é Tobias Barreto de Menezes ? e si elle responder... Vão á Bahia, ou a Pernambuco, ou ao Maranhão, ou ao Pará e perguntem em qualquer das redacções : — Quem é Pedro Luiz ? E teremos o mesmo resultado. E diremos sem hesitar quem é o cantor das *Odes modernas* e o vidente das *Claridades do Sul* !

Oh ! não é exaggeração, ou não será grande.

Aqui poucos sabem quem é Victoriano Palhares. No Norte Escagnolle Taunay é conhecido por ter na Camara advogado a grande naturalisação. Aqui e alem Joaquim Serra si não fosse o escriptor dos *humouristicos boatos*, que tanto pello arrancaram com o couro, passaria ignorado, pintasse quantos *Quadros* quizesse, embora todos cheios da belleza commovente daquelle dramatico *Rasto de sangue* !...

Ha excepções, ha ; mas com ellas não se discute.

E pois quem é o culpado do pauperismo de nossas letras ? O jornalismo.

Convém quebrar-se a ignava cadêa que mania o jornalista brasileiro, quando se trata de dar opinião sobre qualquer nova publicação de compatriota.

E' essa falta de exacção de dever que fez nascer o elogio mutuo. O amigo, sem temor de contradictada parte de uma imprensa independente, justa e illustrada, vae rabiçando o que quer a respeito da producção de seu confrade, na certeza de ser pago na mesma especie, mais tarde, em circumstancia identica.

Por outro lado os autores quando lêem alguma rara apreciação sem louvaminhas atiram-se furiosos sobre o critico, insultando-o entre exclamações :

— E' calumnia, é inveja, é incompetencia ! . . .

O resultado é o trigo e o joio — José do Patrocinio e Avidio Leite — passarem com a mesma cotação, um e outro não encontrarem comprador e ser a traça o primeiro consumidor dos nossos productos litterarios.

E' preciso e ha de ter fim esta miseria, e para isso faz-se mister esforço de alguém.

O redactor da *Verdade* que não fraquejou nem quando a conspiração amarrou um *cordão sanitario* em torno de seu escriptorio de advogado, ó caracter fundido para este commettimento.

Não pare com suas publicações, que a *litteratura do norte* não acabe no *Matuto*.

Prosiga, complete sua obra e se elevará aqui á posição a que tem jus.

Busque um logar na imprensa, e uma vez nella trate de dirigil-a convenientemente.

Dahi dê golpe mortal no systema anodino do « Recebemos e agradecemos ».

Quem achou-se com forças para o longo remigio afim de fiar de perto o sol de nossa litteratura, nas *Cartas a Cincinato*.

não temerá de occupar-se de nenhum outro escriptor que appareça.

E a seu exemplo todos os jornaes abrirão uma columna ás noticias bibliographicas e as lettras sendo presadas animar-se-hão, desenvolver-se-hão.

O espirito de imitação ó o que mais predomina entro nós. Depois que *Prudhomme* elevou-se ao nivel do Paul Courier quem mais se aventura a publicar as perissologias denominadas folhetins ?

É o que aeontecerá quando um jornal regularmente analysar com eriterio, e de accordo com os processos que o Taine poz em voga, os trabalhos que se offerecerem ao seu exame.

Mas para que V. seja chamado ao papel que lhe ó proprio, ainda deve ser mais conhecido.

Para isso não se concentre. O silencio sobre seus livros ó filho unico e exclusivo da ignavia. Dê o apreço que elle merece.

Sei que a impressão aqui é cara, publique em folhetins seus romances. Serão mais lidos.

Seja tenaz e vencerá.

Um casamento no urrabalde, pequenino como é, está no caso de ser o primeiro a encetar a publicação.

Não deponha a penna.

Deixa-me antes de pôr o ponto final aventurar um conselho ?

Mas não ria-se.

Eil-o.

Leia Balzac.. Disse mal : — leia quem quizer, mas estude Balzac. Seu espirito fundido nos mesmos moldes conseguirá facilmente descobrir o segredo que levou o autor da *Comedia humana* a fazer viver na grande tela de suas composições a humanidade inteira representada por algumas centenas de typos.

Estude-o e a sociedade brasileira ficará conhecida, suas phisionomias apanhadas, seus habitos e costumes bem descriptos,

seus vícios e virtudes bem estudados, os caracteres bem acen-
tuados, a natureza bem reproduzida.

E então, em vez de termos sob o nome de Juca, Yayásinha, sr. Jequiriçá ou d. Mariquinhas a parisiense ou o lyonez, o bretão ou o filho do Havre — teremos brasileiros completos no typo e no moral, fallando o idioma portuguez e pensando como podem pessoas educadas sob o regimen de uma methaphysica esboroada e postas em contacto com gente de todos os pontos da terra, assistindo constantemente ao desmoronamento do character premiado, a severidade de principios encarada como loucura digna de piedade e o dinheiro como o alvo principal de todas as vistas !

Sabe que horas são ? Acaba de ser disparado o tiro da madrugada.

Vou ver si posso ainda dormir um pouco. Decifre os gar-
ranchos e

Good morning.

Santa Thereza, julho de 78.

Rangel de S. Paio.



Amigo e collega Rangel de S. Paio.

A sua carta veio despertar em mim saudosas reminiscencias. Idéas e acontecimentos que me parecia estarem de todo e para sempre mortos, avivou-os e fel-os resurgir no meu espirito, ora voltado para pontos tão diversos, a leitura daquelle trecho em que o senhor se refere a *Verdade*, folha que tive a honra de dirigir por perto de dois annos. Lembrou-me o papel de uma população quasi em peso que buscava sair do dominio theologico, como já se dizia, lutando com uma instituição cercada do prestigio da autoridade de ha muitos annos e da consagração de crença nunca até então abalada tão vivamente.

Apresentava o Recife por esse tempo uma feição que o lapis da historia ha de apanhar ainda, inspirando-se nos documentos e nas tradições.

O povo lia então, como nunca lera antes, e como não lerá tão cedo. Cada dia trazia uma nova fôrma, uma nova manifestação desse Briareu invencivel a que se chama imprensa. Era o

periodico ephemero, era o avulso pungente, era a proclamação incendiaria, o verso taful, a satyra envenenada, e em tudo isto o que verdadeiramente falava não eram as vis paixões do povo, senão o esforço da consciencia por libertar-se de antigas cadéas que a encorrentavam.

O Recife mal dormia as noites. Logo muito cedo, o artista, o negociante, o empregado publico, o homem de letras, o joven, o ancião, a moça, a matrona, a velha estavam lendo o jornal. Nunca vi excitação igual no espirito publico, tendo as raizes no lar domestico. Mas não deve causar admiração aquelle constante alvoroço: tratava-se de questão religiosa.

Os que eram pelo bispo queriam ver como os maçons e os que seguiam estes respondiam aos actos episcopaes do dia precedente; os outros queriam conhecer os novos golpes que a maçonaria desfechava contra o episcopado que campeava fulminando excommunhões, mandando expulsar das irmandades os da *seita condemnada*, negando os ultimos soccorros espirituaes aos que não abjuravam a maçonaria, prohibindo sepultura sagrada aos que em vida, ou na hora extrema não tinham riscado os seus nomes dos quadros maçonicos, ou consentido que os seus diplomas fossem queimados.

Recordo-me ainda do que occorreu por occasião de publicar-se a pastoral do bispo que prohibia *sub gravi* a leitura da *Verdade*. Resolveu a redacção deste periodico fazer o que em casos semelhantes é uso: annunciou pelas folhas diarias que distribuiria gratis ao povo o numero seguinte. Quando chegou a occasião de distribuir-se o annuciado numero, as proximidades do escriptorio cobriram-se de gente; e pelas escadas subia e descia povo que parecia carreiro de formigas. Em poucas horas esgotou-se uma edição de 5,000 exemplares. Para o Recife, onde a *Verdade* tinha grande circulação, aquelle extraordinario consumo da folha amaldiçoada indicava grande favor publico.

Tenho saudades desse tempo de febre nos espiritos, de excitação nos centros nervosos da grande cidade : a excitação por uma grande causa ateia a chamma da vida.

Formavamos no Recife não só uma cruzada contra o obscurantismo, mas tambem um congresso litterario do qual nasceu a *União do Norte*, que foi de pouca duração, porque o assumpto religioso, novo, cheio de actualidade, absorvia os animos quasi exclusivamente.

Lembrou-me tambem o *Casamento no arrabalde* que, como bem pondera, estava inteiramente esquecido do proprio autor. Escripto em menos de uma semana para ser publicado no rodapé de uma das folhas diarias, por circumstancias que não vem ao caso referir, fôra editado por um livreiro, e saira a lume em 1869.

Deveras acha o meu amigo merecimento nesse brinco da minha penna, o qual sómente se explica pelas tintas escolares que ainda lhe restavam ? Não estará o senhor enganado ? Si ou não tivesse mais de uma prova do seu bom gosto, da delicadeza do seu paladar litterario, era capaz de dizer que o cegára a amizade em primeiro logar, e em segundo o illudira o laço quo prendo esse passageiro trabalho a tempos que merecem ao senhor, como a mim grato apreço, por se passarem onde o nosso espirito juvenil, ainda cnleiado em aspirações de gloria, achava um centro em que se vivia mais para as letras do que, como aqui, para a vida das ruas onde tanto tempo se gasta sem proveito, onde depressa se envelhece, e mais depressa ainda se descre de tudo, e desconfia de todos, ainda dos mais intimos.

Em um ponto da sua carta não andou longe da verdade o meu amigo. Eu não possuia, de facto, nenhum exemplar do *Casamento no arrabalde* ; fôra este uma como nota solta, perdida por entre a folhagem da pittoresca estrada, theatro do drama singelo que lhe dera existencia; nunca mais resoara ella aos

meus ouvidos: era uma vibração do meu cerebro de todo extincta. Ha de lembrar-se que depois de receber a sua carta, lhe pedi o seu exemplar para reler a obra.

A nova leitura não me animou muito, comquanto a singela producção naquelle tempo fosse bem recebida pelo publico do Recife.

Cosas do meio em que estavamos. Aqui o meio é outro; e o senhor não o ignora. Estou quasi affirmando que não diz com o gosto fluminense leitura tão despretençiosa. Hoje em dia eu não poria em lettra de imprensa producção de horizonte tão estreito, porque entendo que nas lettras, ainda as amenas, não é licito prescindir de um ideal que represente a victoria de um principio, uma instituição, uma idéa util á sociedade. O romancista moderno deve ser historiador, critico, politico ou philosopho.

O romance de phantasia, de pura imaginativa, este não quadra ao ideal dos nossos dias.

Ora, alli, si não ha pura imaginação, não ha todavia um principio vigoroso, não ha o estudo, a critica de grandes forças, a applicação de grandes leis sociaes.

O que alli se vê é a historia particularissima de um casamento de dois jovens, as ameaças e incitações, ora decisivas, ora hesitantes, do amor meio escondido, meio revelado de uma mulher casada e um bacharel novo que trazia ainda muitos enleios e phantasias de estudante; descripções de paisagens; gracejos rapidos; pinturas tambem rapidas de caracteres que, devidamente estudados, talvez dessem para maiores telas. Não sei si isso agradará ao paladar cortezão que não está acostumado a comidas simples, mas a iguarias e manjares á franceza, com a sua mostarda, o seu sal, o seu vinagre, emfim certa combinação de ingredientes apurados, apimentados e excitantes. Eu neste ponto, como em varios outros, sou muito provinciano, gosto do que é simplesmente doce, e se parece

com o succo da canna chupada na casa do engenho, ou a deliciosa mangaba sorvida ao pé da arvore que a produz, em região agreste e virgem.

Mas, como se afigura ao senhor que esta producção, na realidade inspirada em costumes verdadeiros, seu unico merito talvez, póde entrar na circulação litteraria, opportunamente lhe faroi a vontade.

Quer, porém, que lhe diga uma verdade? A sua carta veiu dar-me novas forças. Si não fóra ella, talvez não me mettesse a fundar com outros a *Revista Brazileira*; certamente não escreveria o *Sacrificio*, romance que me vae saindo da penna aos dois capitulos de quinze em quinze dias.

Não advertiu no modo como se tratou alli do casamento de Paulo e Virginia? Si advertiu, ha de reconhecer que fui sobrio neste ponto. A razão das suas curtas dimensões é porque o considerava tratado longamente no *Casamento no arrabalde*. Para que repetições inuteis? O Paulo e Virginia do *Sacrificio* são o Pedro e a Lucilla do *Casamento*; e não só estes mas outros personagens são communs ás duas narrativas. Demais eu tinha já commigo a sua carta, e estava resoluta a completar com a segunda edição do primeiro trabalho a historia que vem amplamente contada no ultimo. Quem ler este na *Revista Brazileira*, deve ler o *Casamento no arrabalde*. São muito differentes os estylos; mas ha razão para isto: sobre a penna que escreveu o *Sacrificio* pesam mais dez annos. O publico dirá si o escriptor ganhou com esta dezena, que si não lhe augmentou o immenso caminho para a immortalidade, certo lhe encurtou o da sepultura.

A presente carta já vai longa, e todavia não tratei nem tratarei por esta occasião do ponto, a meu ver, mais importante da sua — o que se refere á litteratura do Norte.

Pensa então o meu amigo que a idéa de uma litteratura especial do Norte não tem fundamento?

Ha muito que desejo occupar-me com este assumpto que de alguns amigos tem merecido o mais franco apoio, de outros restricções, e de uns desaffectedos que mal conheço, grandes protestos, e até insultos e aggressões pela imprensa.

Valer-me-ia desta occasião para conversar com o amigo bom, generoso, e leal — o senhor, responder ás objecções dos amigos divergentes, e rebater, dentre as aggressões aquellas que poderiam ser tomadas em consideração sem ficar conspurcada a dignidade do debate, si o assumpto não tivesse natural cabida em outro livro e por outra occasião.

No estudo das objecções as suas terão as honras que lhes são devidas.

Larangeiras, outubro de 1879.

Seu amigo

Franklin Tavora.

OBRAS DE FRANKLIN TAVORA

LITTERATURA BRAZILEIRA

Publicadas :

CARTAS A CINCINNATO, estudos criticos, 1º livro, 2ª edição.
NOTAS BIBLIOGRAPHICAS, 2º livro.

LITTERATURA DO NORTE

Publicadas :

O CABELLEIRA, narrativa pernambucana, 1º livro.
O MATUTO, chronica pernambucana, 2º livro.
LOURENÇO, chronica pernambucana, 3º livro, 2ª edição.
UM CASAMENTO NO ARRABALDE, historia do tempo em es-
tylo do casa, 4º livro, 2ª edição.
SACRIFICIO, romance, 5º livro.
UM MYSTERIO DE FAMILIA, drama (representado), 6º livro,
2ª edição.
OS INDIOS DO JAGUARIBE, romance historico, 7º livro.
A TRINDADE MALDITA, contos no bolequim, 8º livro.
A CASA DE PALHA, romance, 9º livro.
LENDAS E TRADIÇÕES POPULARES, 10º livro.
QUEM MUITO ABARCA POUCO ABRAÇA, 11º livro.

Para publicar :

O NORTE, indagação critica, 12º livro.
O PRAIEIRO, episodio da guerra dos *Cabanos*, 13º livro.
OS PATRIOTAS DE 1817, obra em 4 tomos, 14º livro.
A REVOLUÇÃO DO NORTE EM 1824, 15º livro.

LITTERATURA DO SUL

Publicada :

TRES LAGRIMAS, drama (representado), 1º livro.

Para publicar :

OS PICOS, episodio de uma festa. 2º livro.
O PANTANO, epilogo de um drama, 3º livro.

OBRAS DE FRANKLIN TAVORA

LITTERATURA BRAZILEIRA

Publicadas :

CARTAS A CINCINNATO, estudos criticos, 1º livro, 2ª edição.
NOTAS BIBLIOGRAPHICAS, 2º livro.

LITTERATURA DO NORTE

Publicadas :

O CABELLEIRA, narrativa pernambucana, 1º livro.
O MATUTO, chronica pernambucana, 2º livro.
LOURENÇO, chronica pernambucana, 3º livro, 2ª edição.
UM CASAMENTO NO ARRABALDE, historia do tempo em estylo de casa, 4º livro, 2ª edição.
SACRIFICIO, romance, 5º livro.
UM MYSTERIO DE FAMILIA, drama (representado) 6º livro, 2ª edição.
OS INDIOS DO JAGUARIBE, romance historico, 7º livro.
A TRÍNDADE MALDITA, contos no botequim, 8º livro.
A CASA DE PALHA, romance, 9º livro.
LENDAS E TRADIÇÕES POPULARES, 10º livro.
QUEM MUITO ABARCA POUCO ABRANÇA, 11º livro.

Para publicar :

O NORTE, indagação critica, 12º livro.
O PRAIEIRO, episodio da guorra dos Cabanos, 13º livro.
OS PATRIOTAS DE 1817, obra em 4 tomos, 14º livro.
A REVOLUÇÃO DO NORTE EM 1824., 15º livro.

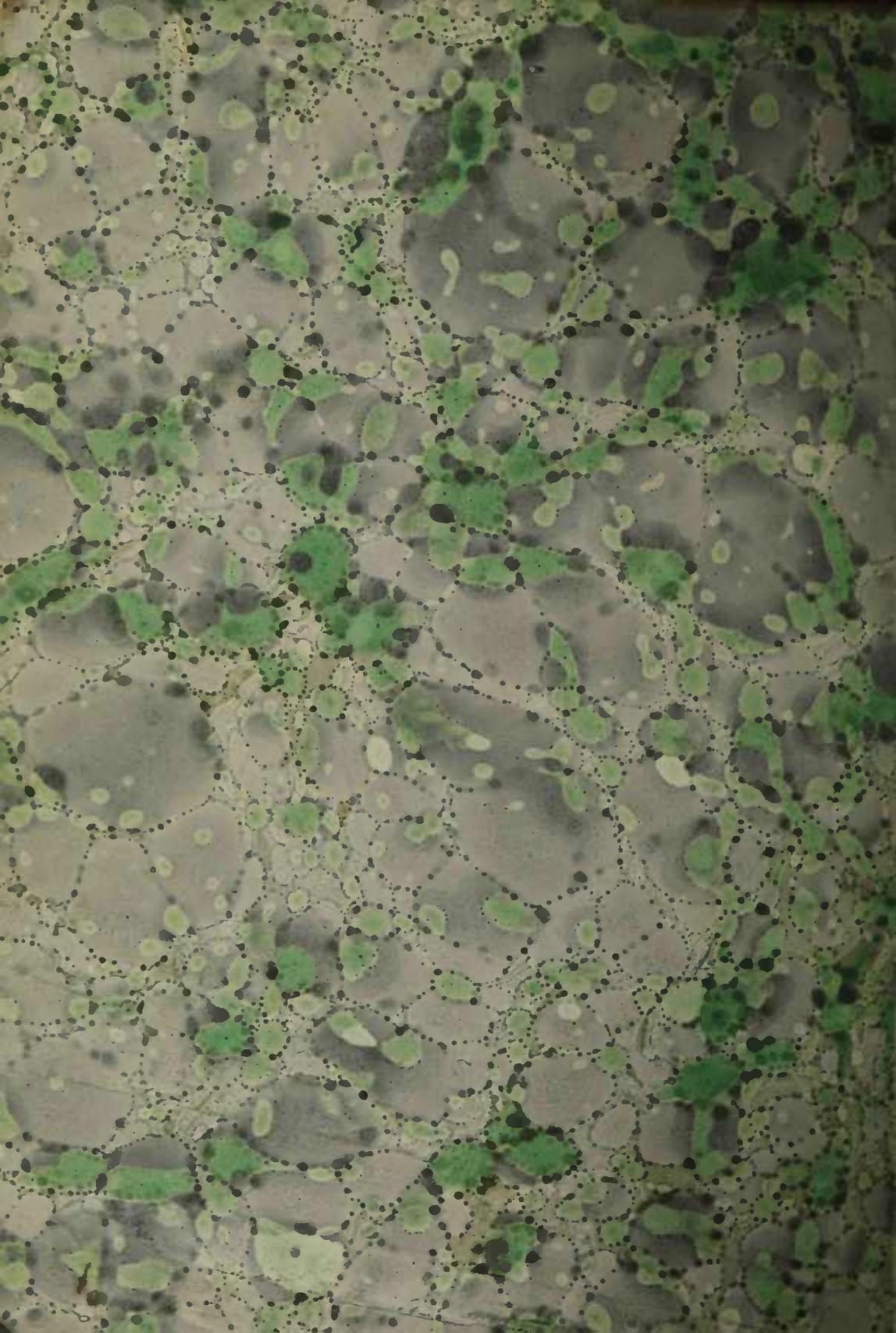
LITTERATURA DO SUL

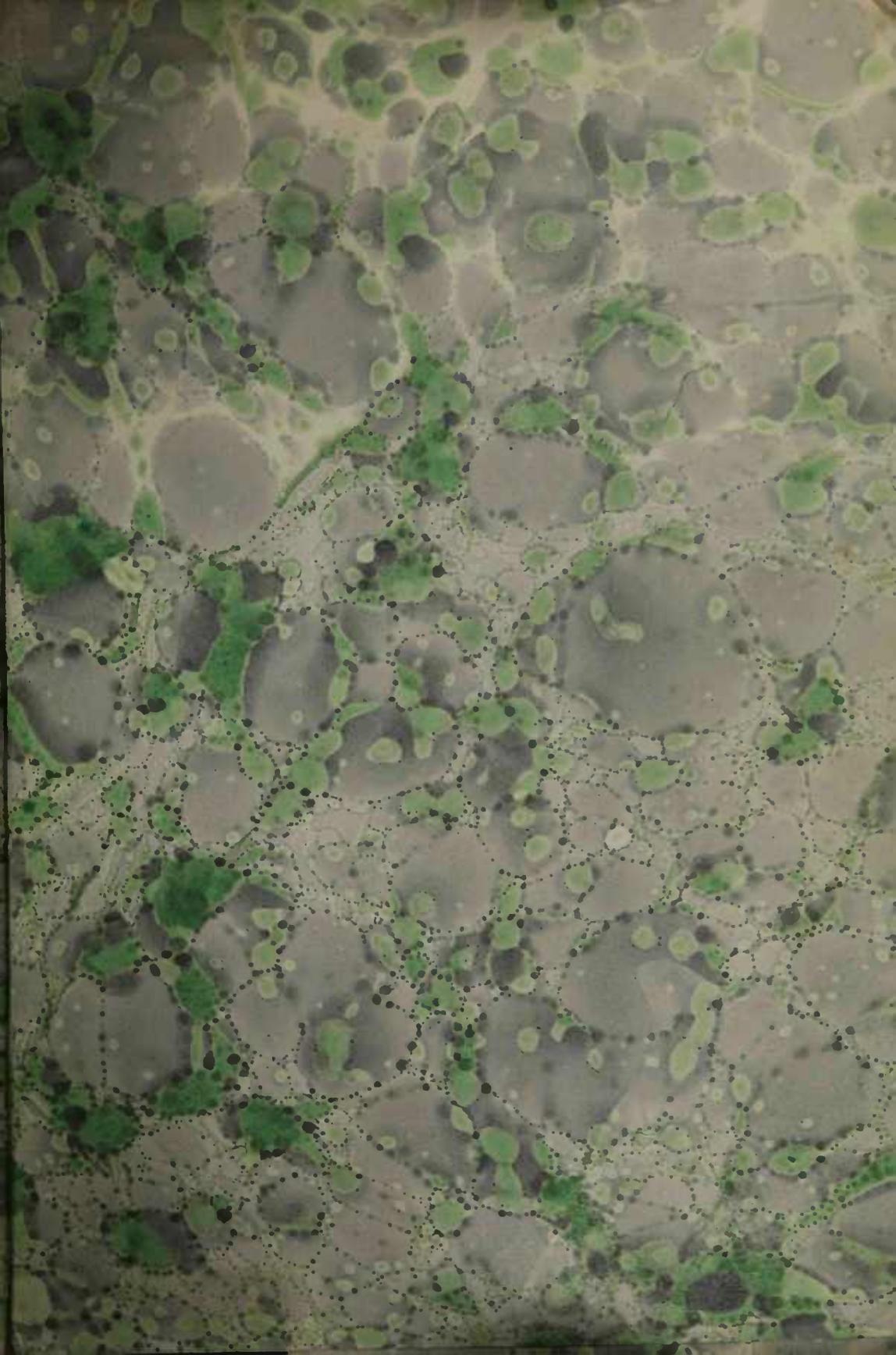
Publicada :

TRES LAGRIMAS, drama (representado) 1º livro.

Para publicar :

OS PICOS, episodio de uma festa, 2º livro.
O PANTANO, epilogo de um drama, 3º livro.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).